

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Economia

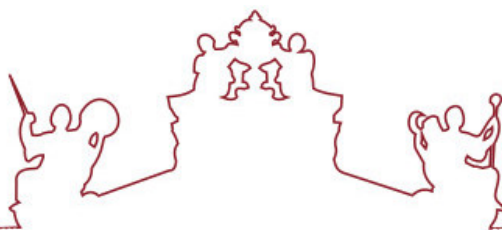
Dissertação

**Análise do abandono escolar: caso dos alunos de Cabo Verde
em Portugal**

Zuleika Fernandes Gomes

Orientador(es) | Isabel Viegas Vieira
Carlos Manuel Vieira

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Economia

Dissertação

**Análise do abandono escolar: caso dos alunos de Cabo Verde
em Portugal**

Zuleika Fernandes Gomes

Orientador(es) | Isabel Viegas Vieira
Carlos Manuel Vieira

Évora 2023



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | João Manuel Pereira (Universidade de Évora)

Vogais | Isabel Viegas Vieira (Universidade de Évora) (Orientador)
Maria da Conceição Rego (Universidade de Évora) (Arguente)

Agradecimentos

No final desta fase, que muitas vezes foi de ansiedade, angústia, dura e trabalhosa, não poderia deixar de agradecer a todos os que estiveram presentes de uma forma ou doutra na elaboração desta pesquisa e que me apoiaram.

Primeiramente, um agradecimento especial aos meus orientadores, Professor Doutor Carlos Vieira e Professora Doutora Isabel Vieira, pela participação de cada um em cada fase da elaboração desta pesquisa. Obrigada por toda a paciência, correções, revisões, sugestões, críticas construtivas, transmissão de conhecimentos, pelos ensinamentos académicos nesta fase e pela bibliografia disponibilizada para a presente investigação. Por nunca terem desistido de mim e pela repreensão e compreensão que proporcionaram o meu crescimento, que me deu oportunidade de errar, de crescer, de aprender e de desenvolver enquanto profissional. Por toda a sua dedicação e constante acompanhamento neste trabalho.

Aos meus amigos e familiares que acompanharam esta minha jornada. Em especial ao Zunchany Matola, pelo apoio durante a elaboração da dissertação e principalmente na elaboração do projeto e no final da dissertação. Ao meu amigo, Flávio Cruz, na ajuda inicial com os dados da DGEEC. Obrigada a ambos pela paciência, disponibilidade, tempo e ajuda. A Rosangela e Hendrix, pelo apoio emocional e por acreditarem em mim.

A todos os professores deste mestrado, principalmente, aqueles que ensinam dia após dia, que o conhecimento se transmite com humildade, com paixão e criatividade para conseguir chegar a todos os alunos com características e necessidades diferentes.

Aos alunos cabo-verdianos que continuam no ensino e aos que abandonaram, que contribuíram voluntariamente, e em anonimato, por participarem nesta investigação.

A Évora, enquanto cidade, por ter sido a minha casa durante esta caminhada.

A todos, o meu muito obrigada do fundo do coração.

“O que mata um jardim não é o abandono.
O que mata um jardim é esse olhar de quem
por ele passa indiferente.

E assim é com a vida, você mata os sonhos
que finge não ver”

Mário Quintana

“Como as aves, as pessoas são diferentes nos seus voos.

Mas iguais no direito de voar”

Autor desconhecido

Análise do abandono escolar: O caso dos estudantes de Cabo Verde em Portugal

Resumo

O abandono escolar é um dos problemas mais preocupantes para todos os intervenientes nas instituições de ensino superior, devido às suas consequências para a sociedade – desperdício de recursos, pobreza e desigualdade social, económica e educacional. Este estudo permitiu identificar motivos que explicam o (in) sucesso de estudantes cabo-verdianos que frequentam/frequentaram cursos de licenciatura nas universidades portuguesas. O estudo é importante pois não existe investigação anterior que permita identificar as causas do abandono desses alunos e a revisão da literatura indica que as causas do abandono na universidade diferem em função do país, instituição, curso ou alunos estudados. A análise qualitativa desenvolvida sugere que as causas do abandono escolar dos estudantes analisados são financeiras e pedagógicas, relacionadas com a insuficiente formação no ensino secundário.

Palavras-chave: Insucesso no ensino superior, sucesso no ensino superior, abandono escolar, estudantes cabo-verdianos em Portugal.

Analysis of school dropout: the case of Cape Verde Students in Portugal

Abstract

Dropping out of school is one of the most worrying problems for those involved in higher education, due to its consequences for society – waste of resources, poverty and social, economic and educational inequality. This study allowed us to identify reasons that explain the (un)success of Cape Verdean students who attend/attended first degree courses at Portuguese universities. The study is important because there is no previous research that allows identifying the causes of dropout of these students and the literature review indicates that the causes of dropout at the university differ depending on the country, institution, course or students studied. The qualitative analysis carried out suggests that the causes of school dropout of the analysed students are financial and pedagogical, related to insufficient training in secondary education.

Keywords: Failure in higher education, success in higher education, school dropout, Cape Verdean students in Portugal.

Índice

1. Introdução	1
2. Revisão da literatura	4
2.1. Conceito de abandono escolar	4
2.2. Resultados de estudos realizados	5
2.2.1. Estudos realizados em universidades estrangeiras	9
2.2.2. Estudos realizados em universidades portuguesas	11
3. Dados e metodologia	16
3.1. Caracterização do universo de alunos cabo-verdianos em Portugal	16
3.2. Abandono escolar: Análise Exploratória	26
3.3. Questionário: estrutura e forma de aplicação	28
3.4. Caracterização dos dados relativos aos alunos cabo-verdianos em Portugal	29
4. Análise de resultados	41
4.1. Abandono/insucesso e os seus determinantes	41
4.2. Fatores e a sua importância para o (in)sucesso universitário	43
4.3. Discussão de resultados	46
5. Conclusões	64
6. Referências Bibliográficas	67
7. Anexos	73

Índice de Gráficos

Gráfico 1-Inscritos e Diplomados	17
Gráfico 2-Inscritos e diplomados: mulheres (%)	18
Gráfico 3-Área de Educação dos Inscritos	22
Gráfico 4-Área de Educação dos Inscritos (%)	23
Gráfico 5-Área de Educação dos Diplomados.....	24
Gráfico 6-Inscrições por estabelecimento	25
Gráfico 7-Ano de nascimento.....	29
Gráfico 8-Ano de ingresso no Ensino Superior	30
Gráfico 9-Género dos inquiridos	31
Gráfico 10- Naturalidade: Ilha de Nascimento	32
Gráfico 11-Distribuição da população em Cabo Verde	33
Gráfico 12- Áreas Científicas dos Cursos de ingresso.....	34
Gráfico 13-Instituições em que está/esteve	35
Gráfico 14-Habilitações da mãe.....	36
Gráfico 15-Habilitação do pai.....	37
Gráfico 16-Rendimento mensal do agregado familiar (em euros).....	39
Gráfico 17-Fonte de rendimento dos alunos.....	39
Gráfico 18-Situação perante o curso (%)	41
Gráfico 19-Factores e sua importância para o (in)sucesso escolar	45
Gráfico 20-Rendimento insuficiente para as despesas essenciais.....	47
Gráfico 21-Atraso no pagamento das bolsas	48
Gráfico 22-Condições de alojamento.....	49
Gráfico 23-Ter ou não irmãos no ensino superior	50
Gráfico 24-Idade no ingresso	51
Gráfico 25-Escolaridade dos pais	52
Gráfico 26-Tempo médio da deslocação (minutos)	54
Gráfico 27-Relação com os professores.....	55
Gráfico 28-Relação com os colegas.....	55
Gráfico 29-Saudades da Família e amigos	57
Gráfico 30-Diferença de clima em Portugal.....	58
Gráfico 31-Problemas de Saúde	59
Gráfico 32-Má preparação do ensino secundário	60
Gráfico 33-Dificuldades nas matérias do curso	61
Gráfico 34-Insatisfação com o curso	62
Gráfico 35-Dificuldades de organizar-se longe da família.....	63

Índice de Tabelas

Tabela 1-Natureza do Estabelecimento de Ensino.....	19
Tabela 2-Tipo de Ensino	20
Tabela 3 - Relação entre as matrículas e diplomados no período analisado.....	27
Tabela 4-Conclusões por categoria.....	42
Tabela 5-Factores e sua Importância para o (in)sucesso acadêmico.....	44

1. Introdução

Ainda que Cabo Verde seja independente desde 1975, Portugal continua a ser um dos principais destinos escolhidos pelos estudantes para continuarem os seus estudos no estrangeiro. Esta mobilidade é facilitada pelos protocolos assinados entre os dois países, que têm uma boa relação política. Por isso, todos os anos muitos estudantes cabo-verdianos saem do país com o intuito de continuarem os seus estudos no ensino superior em Portugal, acreditando que possuir um diploma emitido pelas instituições portuguesas facilita e aumenta as possibilidades de entrada no mercado de trabalho, tanto em Cabo Verde, como em outros países. Apesar dos estudantes saírem de Cabo Verde com muitas ambições, objetivos e sonhos que pretendem alcançar no futuro, a maioria quando chega em Portugal não termina o seu percurso académico. A informação coligida pela Direção Geral de Estatísticas de Educação e Ciência (DGEEC) sugere que uma parte muito significativa dos alunos que saem de Cabo Verde para fazer cursos de licenciatura em Portugal não terminam o curso que pretendiam fazer. Esta realidade é preocupante e levou-nos a questionar quais seriam os motivos pelos quais estudantes que saem do seu país, seu lar e ambiente de conforto, com planos de continuarem os seus estudos, sabendo da importância do investimento na educação, depois acabam por não ser bem-sucedidos.

Surge assim o interesse em descobrir os motivos que levam os estudantes cabo-verdianos a abandonar as instituições do ensino superior em que estão inscritos, uma vez que se trata de pessoas que acreditam que uma das formas de fugir da pobreza é através do estudo e, quando se trata da busca do sucesso e de lutar pela melhoria das suas condições de vida e dos familiares, são fortes, determinadas e revelam espírito de sacrifício (Rodrigues, 2009).

A revisão da literatura desenvolvida para conceber uma forma de procurar a resposta para esta interrogação mostrou que as causas do abandono escolar na universidade variam em função da geografia, das instituições, dos cursos e das condições socio económicas dos alunos estudados. Assim, justifica-se a análise específica do grupo de estudantes que nos interessa para, com base nessa informação, poder orientar a conceção de estratégias adequadas e eficazes para a prevenção ou minimização deste problema. O abandono escolar tem diversas consequências negativas para a sociedade,

sendo por isso necessário identificar os motivos que levam os estudantes cabo-verdianos a abandonar os seus cursos.

Para conhecer o perfil dos estudantes cabo-verdianos em Portugal fizemos uma análise dos dados disponibilizados pela DGEEC. Estes dados foram filtrados e tratados de forma a separar as informações relativas aos estudantes cabo-verdianos que frequentam/frequentaram cursos de licenciatura em Portugal, das dos estudantes de outras nacionalidades. A separação da informação permitiu uma análise mais pormenorizada do conjunto de características associadas ao grupo que nos interessa. O período temporal analisado decorre entre 2015 e 2021, sendo que esta delimitação decorre da disponibilidade e adequação dos dados existentes. Só a partir de 2015 há dados separados por nacionalidades dos alunos.

Com base na revisão da literatura elaboramos um questionário com o intuito de descobrir particularidades do abandono dos estudantes cabo-verdianos. A ideia inicial era desenvolver o estudo com base numa metodologia mista, quantitativa e qualitativa. Por isso foi contactada a DGEEC, solicitando o acesso aos micro-dados, ou seja, dados relativos a cada aluno, necessários para a estimação de um modelo econométrico (metodologia quantitativa). Foi-nos dito que tais dados não podem ser disponibilizados por razões relacionadas com a lei de proteção de dados (lei nº 58/2019 de 08 de agosto). Assim, não foi possível concretizar o objetivo inicial e a análise foi desenvolvida apenas com base numa abordagem metodológica qualitativa (questionário).

O recrutamento dos respondentes, num total de 145, foi feito através das redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram e por email). Procurámos respostas de cabo-verdianos que estão/estiveram inscritos em cursos de licenciatura em instituições de ensino superior portuguesas. O questionário foi aplicado entre os meses de junho e novembro de 2022 através da plataforma do Google Formulários.

As causas de abandono no ensino superiores identificados nesta dissertação são de natureza financeira e pedagógica. Por um lado, as dificuldades financeiras no pagamento de despesas essenciais, em particular causadas pelo facto das quantias enviados pelos pais e familiares serem insuficientes para as despesas e pelo atraso no pagamento de bolsas de estudo. Por outro lado, uma insuficiente preparação prévia no ensino secundário, que agrava a dificuldade sentida com os conteúdos curriculares dos cursos.

Os fatores considerados relativamente menos importantes para o sucesso acadêmico são de natureza social, como o relacionamento com colegas e professores, saudades e dificuldade de adaptação longe da família, e a adaptação a um diferente clima.

Depois desta introdução, a dissertação contém mais quatro capítulos. O segundo contém a revisão da literatura, onde especificamos o conceito de abandono escolar e identificamos os resultados de estudos realizados que determinam o abandono escolar no ensino superior, de acordo com investigações desenvolvidas para outras realidades que não incluem alunos com origem em Cabo Verde. O terceiro capítulo é destinado à apresentação dos dados e à metodologia. Caracterizamos o universo dos estudantes cabo-verdianos em Portugal, apresentamos os dados obtidos através da aplicação do questionário. No quarto faz-se a análise desses resultados. O quinto capítulo (de conclusões) resume a dissertação e os resultados obtidos, que nos permitiram identificar os fatores que determinam o (in) sucesso dos estudantes cabo-verdianos analisados.

2. Revisão da literatura

2.1. Conceito de abandono escolar

O problema do abandono escolar ganhou destaque devido às suas consequências nefastas para a sociedade. Diversos estudos têm sido realizados ao longo do tempo e diversas concepções de abandono escolar têm sido desenvolvidas, de acordo com os objetivos dos estudos. Os termos mais utilizados na literatura para descrever o abandono escolar do ponto de vista do estudante são: rotura (Cabrita, 2007), desistência (Oliveira, 2009), insucesso (Iturra, 1990), deserção (Rodriguez-Gómez et al., 2012), falta de continuidade (Benavente et al., 1994), evasão (Gaioso, 2005), inatividade (Costa et al., 2015) e saída prematura (Doron e Parot, 2001).

Nesta dissertação usaremos os termos saída prematura ou desistência, e insucesso ou fracasso. Como a nossa pesquisa será focado no ensino superior, tentaremos usar um conceito que melhor se adeque a este contexto. Assim, estamos perante uma situação de insucesso quando no meio em que os alunos estão inseridos há características pessoais, formais e informais da universidade e da sociedade que fazem com que os alunos não consigam alcançar os resultados projetados, (Tinto, 1975 e 2005).

Outros autores, numa visão mais ampla, declaram que para sabermos se estamos perante uma situação de insucesso ou fracasso escolar devemos ter em conta os resultados que os estudantes ambicionam alcançar. Os alunos traçam objetivos escolares prévios que devem ser alcançados num determinado período para considerarem que tiveram sucesso académico. Se não conseguirem atingir os resultados projetados, ou não o fizerem no período desejado, estamos perante uma situação de insucesso ou fracasso. Este facto pode levar os alunos a abandonar a universidade (Astin, 1972; Enguita, 2011; Garcia, 2000 e Bean, 1980).

Nesta linha de pensamento, o abandono escolar é a saída prematura da universidade sem a conclusão do curso frequentado, por razões que não sejam a transferência ou...a morte (Cabrita, 2007). O abandono escolar não é uma decisão repentina, mas sim o resultado de um longo processo de dificuldades económicas, sociais, académicas, de tensões, desajustamentos, frustrações em que os alunos perante a incapacidade de resolverem os seus problemas educacionais, ocupacionais para se manterem na vida intelectual e social da instituição tornam-se progressivamente

desinteressados pelo curso/universidade e resolvem abandonar a instituição. Quando os alunos tomam a decisão de abandonar prematuramente o curso que frequentam, há um problema a nível institucional e social (Santos, 2010; Tinto 1975; Costa, 1999 e Arroiteia, 2008).

Focados nos objetivos da realização do nosso estudo seguiremos o conceito de abandono escolar proposto por Cabrita (2007).

2.2. Resultados de estudos realizados

Segundo McCubbin (2003), citado em Ferreira e Fernandes (2015), o abandono escolar nas universidades é um dos maiores problemas que as instituições de ensino superior enfrentam. Para Zhai e Monzon (2001), nos Estados Unidos, há muito que o abandono escolar é considerado como um problema social, económico e educacional considerável. O aumento do número de alunos que abandonam as universidades antes da conclusão do curso diminui a população de estudantes universitários no país. Mesmo com o empenho das universidades na resolução dos problemas de atrito em vários programas, nas universidades públicas somente 46,7% dos alunos a frequentar cursos de quatro anos 38,7% dos que frequentam os cursos de dois anos obtém o grau. De acordo com os resultados da pesquisa de Aina *et al.* (2022), apenas 1/3 dos alunos que entraram nas universidades italianas, no período compreendido entre 2001 e 2008, ficaram até o término do curso.

Segundo Rodriguez-Gómez et al. (2012), em termos relativos, a taxa de estudantes que decidem abandonar os estudos é proporcional à taxa de estudantes matriculados no ensino superior. De acordo com o autor, o abandono acontece maioritariamente no primeiro ano, e em média 31% dos alunos matriculados no ensino superior nos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico não concluem os seus estudos, apesar das taxas de graduação terem aumentado 21 pontos percentuais nos últimos 13 anos. Vasconcelos et al. (2009) consideram que o facto de as taxas de desistência serem acentuadas no primeiro ano é consequência da inadaptação dos alunos na fase de transição para o ensino superior.

Segundo a DGEEC, em Portugal, nos anos letivos de 2011/2012 a 2014/2015, menos de 50% dos universitários terminaram o curso de licenciatura nos três anos previstos e

29% abandonaram e não obtiveram o diploma. Isto significa que três em cada dez estudantes que são admitidos nos politécnicos e universidades acabam por abandonar os estudos. Perante esta realidade, é necessário identificar e compreender os motivos que levam os estudantes a abandonar a vida académica, uma vez que os alunos quando decidem fazer a sua inscrição numa escola têm como objetivo terminar o curso.

Pode parecer que estudar o abandono escolar é simples, mas não é. Para Amaral (2019), apesar de existir muita literatura sobre o tema do abandono escolar no ensino superior, a essência do desenvolvimento desse processo é desconhecida. Assim, para estudar as causas do abandono escolar, devemos ter presente que os fatores estão ligados ao abandono na universidade não devem ser analisados individualmente, mas sim, como um conjunto. A análise deve ser feita considerando as características dos jovens, principalmente, as suas famílias, fatores contextuais da comunidade em que estão inseridos, a cultura, religião, capacidade ou incapacidade da instituição escolar em atender as necessidades e aspirações cada vez mais diversificadas dos alunos (Lourenço, 2013).

Ao estudarmos o abandono escolar, deve ter-se presente que o fenómeno tem repercussões diferentes nos estudantes estrangeiros e nos nacionais e que os estudantes internacionais quando saem do seu país para estudar enfrentam algumas dificuldades específicas da sua situação. Os alunos estrangeiros, além de estarem fora do seu país, têm que adaptar-se a outro estilo de vida, a uma nova cultura, e a novas práticas de trabalho, comunicacionais e sociais. No processo de aculturação, as mudanças que os estudantes vivem em resultado do contacto com outras realidades levanta muitas vezes questões de identidade, culturais e étnicas. Este percurso pode ser ainda mais difícil se os estudantes se deparam com um idioma diferente do oficial no país de origem. Dados os desafios de convivência entre os diferentes modos de vida, por vezes não se desenvolve a sociabilidade, pois os estudantes não se identificam com os outros grupos no meio em que estão inseridos (Casanova, 2018; Santos, 2009; Rodriguez-Gómez et al., 2012).

Para Aina et al. (2022), a falta de informações essenciais sobre o novo país de migração, como por exemplo os custos e benefícios da nova vida, socialização ou adaptação ao clima, faz com que os estudantes oriundos de países africanos de língua oficial portuguesa, que estudam nos países do continente europeu e do continente americano, tenham mais dificuldades de integração nas universidades do que os alunos nativos. Estes fatores vão contribuir significativamente para o abandono universitário

antes da obtenção do grau ambicionado. Segundo a Comissão Europeia (2020), a taxa de abandono escolar precoce dos estrangeiros que estudam em países da União Europeia é quase duas vezes mais elevada do que a da população nativa, apesar desta discrepância ter diminuído de 12,8 %, em 2010 para 10% em 2016.

O género do aluno é um dos fatores que está associado às taxas de abandono escolar nos países europeus, principalmente em Espanha, Letónia, Malta e Chipre. A taxa de abandono das mulheres é mais baixa do que a dos homens. Em 2016 a diferença era de 3 pontos percentuais, sendo que as taxas eram 9,6 % e 12,2%, respetivamente (Comissão Europeia, 2020).

Apesar do número considerável de estudos empíricos existentes, justifica-se o trabalho de investigação desenvolvido nesta dissertação porque o nosso objetivo é a identificação de razões que levam os estudantes de Cabo Verde, que estudam nas universidades portuguesas, a abandonar o ensino superior e esta questão ainda não foi objeto de nenhum estudo. O que procuramos saber é por que motivo os cabo-verdianos que escolhem estudar fora do país de origem, porque acreditam que possuir um diploma emitido pelas instituições portuguesas facilita e aumenta as possibilidades de entrarem no mercado de trabalho, tanto em Cabo Verde, como em outros países, depois desistem deste objetivo. Temos interesse em descobrir os motivos que levam estes estudantes a abandonar a universidade, uma vez que estas pessoas, quando se trata da busca do sucesso, e de lutar pela melhoria das suas condições de vida e das dos familiares, são fortes, determinadas e revelam espírito de sacrifício (Rodrigues, 2009).

Para a realização da nossa pesquisa, temos como alicerce estudos que são semelhantes ao nosso em termos de objetivos. Optamos por dividir a literatura sobre o tema de abandono escolar na universidade em dois grupos: estudos sobre universidades estrangeiras e estudos que analisam universidades portuguesas. Em termos metodológicos, há também duas categorias: estudos que adotam abordagens qualitativas (inquéritos) e outros que usam abordagens quantitativas (modelos econométricos).

Os estudos realizados por Ferreira e Fernandes (2015), Santos (2010), Fiorani et al. (2011), Can et al. (2017), Zhai e Monzon (2001), Faria (2014), Gomes (2011), Lopes (2019), Au-Yong-Oliveira et al. (2017), Gomez et al. (2012) e Rodrigues (2009) utilizaram metodologias qualitativas - os dados para realização das respetivas análises empíricas foram recolhidos através de inquéritos ou de entrevistas. Por sua vez,

Vasconcelos et al. (2009), Benatti (2017), Amaral (2019), Costa, et al. (2015), Aina et al. (2022), Gitto (2016), e Can et al. (2017) desenvolveram os seus estudos mediante a estimação de modelos econométricos.

Nos estudos qualitativos há grande diferença na dimensão das amostras trabalhadas. As diferenças justificam-se, provavelmente, pelo espaço ou grupo que se estudou. Isto é, se a pesquisa incidiu sobre uma universidade/escola, um grupo de universidades de uma região, sobre todos os cursos de uma universidade, universidades de um país ou de vários países. Por exemplo, a amostra de 1445 estudantes de Ferreira e Fernandes (2015) procurou caracterizar e compreender as razões que levavam os estudantes a abandonarem os seus cursos na Universidade do Porto entre 2010 a 2013. Com objetivos semelhantes Costa, et al. (2015) analisou o caso da Universidade de Évora, no período compreendido entre 2011 e 2015, com base numa amostra de 2150 estudantes. Para comparar a desistência nos cursos de engenharia com a de outros cursos na Universidade do Minho, no ano letivo 2006/2007, Vasconcelos et al. (2009) usaram uma amostra de 5145 alunos. Amaral (2019) usou uma amostra de 7974 elementos para determinar os fatores associados ao abandono em cursos de licenciatura, em estabelecimentos de ensino superior público na zona de Lisboa e vale do Tejo. A amostra de Zhai e Monzon (2001) superou todas as outras - foram inquiridos 23 908 estudantes, para identificar as razões do abandono na Universidade Comunitárias de San Diego, entre 2000 e 2001.

Os estudos realizados com amostras de pequena dimensão focam-se em grupos específicos, por exemplo, um curso ou um projeto. Um exemplo é a análise de Fiorani, et al. (2011) que pretendia entender os fatores que levavam à desistência dos alunos no curso de engenharia Civil na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, entre 1999 e 2001, tendo como amostra um conjunto de 15 alunos e 5 professores. Na mesma linha, Can, et al. (2017) pretendiam identificar os motivos que levavam os alunos do Basaeski Vocacional Colégio (Canadá) a abandonarem os estudos. Para realizar essa pesquisa, os autores entrevistaram 116 alunos, entre 2016 e 2017. Para identificar as razões pelas quais o aluno do programa PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Educação de Jovens e Adultos - permaneciam na Universidade do Rio Grande do Norte (Brasil), no ano de 2020, Gomes (2011) entrevistou 20 estudantes desse programa.

2.2.1. Estudos realizados em universidades estrangeiras

Como já foi referido, várias foram as análises que procuraram identificar os motivos associados ao abandono escolar no ensino superior. Iniciaremos a nossa análise pelos que incidiram em instituições não portuguesas. No estudo realizado por Zhai e Monzon (2001), nas universidades comunitárias¹ de San Diego (Califórnia), concluiu-se que o abandono devia ser encarado de forma diferenciada, uma vez que a maioria dos alunos são trabalhadores a tempo integral (30,4%) ou parcial (45%). Os alunos diferem em termos de idade, classe social e poder económico. De acordo com Rodriguez-Gómez et al. (2012) e Montmarquette et al. (2001), os alunos que trabalham a tempo parcial têm menos probabilidade de desistir do que os que trabalham a tempo integral.

O problema dos estudantes trabalhadores é conseguir conciliar as responsabilidades fora da instituição de ensino (trabalho e obrigações familiares) e as relacionadas com o curso. Quando não o conseguem fazer, entram num estado de fadiga, agravada pelas dificuldades financeiras vividas no momento. Consequentemente, os alunos decidem abandonar os estudos. Foram produzidas conclusões semelhantes no estudo realizado por Faria (2014) na Universidade de São Paulo.

O abandono nestes casos está relacionado, principalmente, com os problemas financeiros, ou de gestão de tempo para dedicar às tarefas do dia a dia. Estes fatores tomam maiores dimensões quando os alunos também sentem dificuldades em encontrar lugar para estacionamento nos campus situados em zonas urbanas, uma vez que esses alunos maioritariamente vivem longe do local onde estudam. Também é relevante a insatisfação dos alunos com a instituição (infraestruturas físicas, práticas pedagógicas dos docentes, qualidade do ensino, desadequação entre o perfil dos alunos e o que é adequado para o curso), levando os alunos a tomar a decisão de abandonarem a universidade.

Segundo Montmarquette et al. (2001), nas universidades de Montreal (Canadá), a decisão de desistir precocemente ou persistir na vida académica, está relacionada com a idade dos alunos - quanto mais velhos, maior a probabilidade de abandonar os estudos - uma vez que os alunos mais velhos têm muitas responsabilidades fora da universidade. A motivação também é relevante. Se os alunos se sentem entusiasmados por fazerem parte do curso ou da universidade, continuam a vida académica; caso contrário, abandonam-

¹ Universidades comunitárias são instituições mantidas pela sociedade civil. Diferenciam-se das instituições públicas por não serem propriedade do Estado e das privadas por não serem de uma pessoa física ou jurídica.

na. Outra variável também identificada pelos autores foi o sistema por quotas atribuído aos antigos alunos de um colégio técnico superior exclusivo do Quebec. Uma vez que estes alunos chegam à universidade com melhor preparação, decorrente da maior exigência anterior, tinham maior probabilidade de não desistirem.

Para Gomes (2011), o abandono no Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Norte, entre 2004 e 2006, estava relacionado com o facto dos alunos que foram admitidos no curso de Física também terem feito candidaturas a outros cursos. Quando são admitidos noutros cursos desistem do curso de Física (55% dos alunos). Outras razões identificadas foram a falta tempo para dedicar ao curso, aos estágios ou ao estudo propriamente dito (40%). O facto de não haver professores em número suficiente para lecionar neste curso fez com que os alunos refletissem sobre a qualidade do curso, concluindo que se este não era bom, e não fornecia a qualificação necessária para o futuro profissional que ambicionavam, não valia a pena continuá-lo.

Também na escola politécnica da Universidade de São Paulo foi realizado um estudo que incidiu sobre a licenciatura em Engenharia Civil (Fiorari et al., 2011). Neste caso, a taxa de abandono era de 25% a 30%, duas vezes superior à de outros cursos na mesma instituição. Para os 15 alunos e 5 professores entrevistados, as causas do abandono (entre 1999 e 2001) são primeiramente as dificuldades intrínsecas ao curso (para todos os alunos entrevistados) e a exigência da estrutura curricular do curso, uma vez que têm de realizar um grande número de provas e de trabalhos. Estes alunos não conseguiram estagiar ou não concluíram o curso por não terem aptidão para o mesmo. Alguns destes motivos coincidem com os identificados na pesquisa realizada por Rodriguez-Gómez et al. (2012). Neste caso os alunos, perante a insatisfação e desmotivação com o curso que frequentavam, geralmente por não conseguirem ingressar no curso desejado (porque não alcançaram a nota do ensino secundário exigida, ou porque escolheram o curso errado devido à falta de informação e orientação), decidem abandonar a universidade. Os professores inquiridos identificaram como causas de abandono a falta de maturidade - os alunos não estavam psicologicamente preparados para enfrentar os problemas que foram surgindo no dia a dia da universidade e por isso abandonaram o curso.

Benatti (2017) investigou se os alunos quotistas² negros da Universitária de Dourado (Brasil), que ingressam por meio de ações afirmativas e que entraram nas primeiras séries dos cursos presenciais de graduação no ano de 2014, abandonavam a instituição devido a práticas discriminatórias. Os resultados mostraram que não, uma vez que, apesar de existir algum grau de preconceito entre colegas (principalmente, relacionado com a origem ou nível de educação das famílias dos alunos), os alunos não abandonavam a instituição por esse motivo, mas sim pelo facto de serem oriundos de família de baixo poder aquisitivo e de nível escolar baixo. Partimos do princípio, que isso acontece, provavelmente, por falta de ambição dos pais, tanto a nível educacional como económico. Por essa razão não conseguem motivar os filhos a adquirir tal ambição, de progresso educacional e económico.

Aina et al. (2022) estudou universidades italianas, entre 2001 e 2008, e concluiu que as causas do abandono estavam relacionadas com o facto de os campus universitários estarem dispersos. Como os alunos não assistiam a todas as disciplinas no mesmo campus, tinham a necessidade de se deslocar. Esta situação era agravada pelo facto das residências dos alunos se localizarem longe dos campus. Uma outra causa que foi apontada pelos autores é o histórico educacional dos alunos. Se os alunos tinham notas altas nas escolas secundárias, continuavam a ter boas notas ou sucesso no ensino superior.

2.2.2. Estudos realizados em universidades portuguesas

Várias análises do abandono escolar no ensino superior tiveram como objeto de estudo estudantes a frequentar instituições portuguesas. Por exemplo, Vasconcelos et al. (2009) concluíram que a taxa anual de insucesso e abandono na Universidade do Minho, de 2003 a 2006, variou entre 7,1% e 7,6%. Analisando os dados dos serviços académicos, os autores verificaram que os cursos de engenharia, no ano letivo 2006/2007, apresentavam taxas de reprovação superiores às da média dos restantes cursos naquela universidade (34,9% e 25,8%, respetivamente). A taxa de reprovações aumentava significativamente no segundo (44,3%) e quinto (44,9%) anos. Para os autores, as taxas de reprovação são consequência das disciplinas que foram deixadas em atraso no(s) ano(s) anterior(es). E as taxas de desistência podem estar associadas ao

² Vagas reservadas com o objetivo de promover a igualdade de oportunidades nas universidades para determinados grupos minoritários, ou seja, grupos discriminados com base no género, raça, cor, etnia e orientação sexual.

desajustamento entre os fatores individuais (centrados no aluno: obrigações familiares), contextuais (relacionadas com docentes e outros elementos da instituição), ou o próprio meio envolvente no qual o aluno está inserido (condições socioeconómicas).

Au-Yong-Oliveira et al. (2017) entrevistou cinco professores com o objetivo de encontrar soluções para evitar a saída precoce dos alunos dos cursos de engenharia na Universidade de Aveiro. Para os docentes, a falta de maturidade é a principal razão que leva os alunos a abandonar a instituição. Quando surgem alguns problemas no percurso académico, como dificuldades no pagamento das despesas do dia a dia, a não aprovação no número de disciplinas necessário para transitar para o ano seguinte, a residência ficar longe da universidade, inclusão numa turma de pequena dimensão - o que faz com que diminuam as chances de interação com os colegas - os alunos que não estavam suficientemente preparados para enfrentar tais dificuldades, veem a solução dos seus problemas no abandono dos estudos. Alguns professores referiram que se os professores que acompanhavam os alunos tivessem mais experiência, poderiam tê-los ajudado e orientado no sentido de permanecerem na universidade.

Segundo Ferreira e Fernandes (2015), os problemas financeiros é o fator que esteve na base do abandono na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, entre 2010 e 2013. Mas as autoras concluíram que esse fator não pode ser considerado isoladamente, ou seja, geralmente, além dos problemas financeiros existe também descontentamento com os métodos de ensino/aprendizagem, modalidades de avaliação, acessibilidade aos professores, ou adequação das unidades curriculares. Tudo isto faz com que alguns alunos decidam sair da universidade sem concluir os cursos.

Para determinar os fatores que estavam relacionados com o abandono nas instituições de ensino superior de Lisboa e Vale do Tejo, entre 2013 e 2014, Amaral (2019) analisou o percurso académico dos alunos utilizando os dados fornecidos pelas instituições à DGEEC. Para determinar o perfil dos alunos que pretendia estudar e identificar as variáveis que poderiam ter maior impacto no abandono escolar nessas instituições foi estimado um modelo econométrico linear generalizado. O autor, além de ter concluído que os homens abandonam mais os estudos que as mulheres, também regista que conseguir ou não uma vaga na primeira opção de ingresso tinha uma relação direta com o abandono. Quanto mais o aluno se afasta da sua primeira opção, maior é o risco de abandono (a taxa de abandono dos alunos que entraram na 1ª opção é de 10%, enquanto a dos que entraram na 6ª opção é de 28%). Outros fatores identificados foram os seguintes: ser ou não bolseiro (um aluno inscrito pela primeira vez, com estatuto de bolseiro diminuí

em 29,5% a probabilidade de abandono), a nota de ingresso (se a nota for baixa, a probabilidade de abandono aumenta), idade do aluno (quanto mais velho, maior a probabilidade de desistir - por cada aumento de um ano desta variável, num aluno inscrito pela primeira vez, a probabilidade de abandono aumenta 6,7%), viver ou não com os pais (quem vivia com os pais estava numa situação de maior estabilidade e disponibilidade para o estudo, permitindo a obtenção de melhores resultados), a situação profissional da mãe (quando a mãe trabalha por conta própria o risco de abandono aumenta em 44% em relação aos do estudantes cujas mães trabalham por conta de outrem – isto pode dever-se a menor disponibilidade de quem trabalha por conta própria para acompanhar a vida dos filhos, tanto a nível académico como pessoal).

A investigação desenvolvida por Lopes (2019), com base em informações recolhidas nos serviços académicos do Instituto Politécnico de Bragança e 1437 respostas a um questionário aplicado aos seus alunos foi implementada em duas etapas. Na primeira, baseada nos dados dos serviços académicos, a autora procurou identificar a situação real da extensão do fenómeno de abandono na instituição, concluindo que é no primeiro ano curricular que ocorre a maior percentagem de anulações de matrículas. Tal acontece por motivos pessoais (19,55%), profissionais (19,23%), dificuldades económicas (16,83%) e motivos académicos (16,03%).

Na segunda etapa, baseada nas informações recolhidas por inquérito, procurou analisar a perceção dos estudantes relativamente às condições e dificuldades na entrada no ensino superior que levam posteriormente ao abandono escolar. A autora conclui que os motivos que levam os estudantes a abandonar a instituição são: dificuldades académicas (73,49%), pessoais e/ou interpessoais (64,18%) e económicas (55,48%). Também foram apontados por 63% dos inquiridos problemas no acesso a informações académicas (relativas a matrícula, inscrições e aos serviços de ação social) e problemas de orientação espacial dentro do campus (50,19%) e na cidade (55%).

No estudo realizado na Universidade de Évora por Costa et al., (2015) constatou-se que o abandono nesta instituição ocorria em dois tipos de situações: alunos que ficam inativos sem ter frequentado quaisquer disciplinas e alunos que frequentam disciplinas, mas não concluem os cursos. O estudo sugere que o abandono estava relacionado com a insatisfação dos estudantes em vários domínios. Por exemplo com a forma como os professores lecionam ou orientam trabalhos e teses (falta de empenho, indisponibilidade para esclarecimento de dúvidas, dificuldades de comunicação e demora / falta de feedback

dos orientadores), com os serviços de apoio social e aconselhamento da universidade (condições de alojamento, serviços de alimentação, gabinete de apoio social), com a estrutura curricular e funcionamento dos cursos (falta de articulação entre a matéria lecionada e a sua aplicabilidade futura, excesso de componente teórica, descontentamento com os métodos de avaliação e clarificação dos procedimentos académicos em relação a prazos). Estes fatores desmotivam os alunos, levando-os a abandonar o curso ou a universidade.

Apesar de não incidir no ensino superior, mas porque visa especificamente o caso de alunos oriundos das ilhas de Cabo Verde, refere-se também o estudo desenvolvido por Rodrigues (2009). O seu objetivo foi identificar os fatores que influenciaram o desempenho dos cabo-verdianos que frequentaram as escolas profissionais de Magestil em Lisboa, entre 1989 e 2009. A autora entrevistou 105 estudantes e concluiu que o seu empenho durante o percurso académico era afetado pelo facto de estarem longe do seu ambiente de conforto (Cabo Verde), ou seja, longe da família e dos amigos, e por estudarem num país estrangeiro (com outra cultura e outras vivências), o que fazia com que se sentissem solitários. Estes fatores, e os estados emocionais que lhes estão associados, refletiu-se nos resultados/desempenho dos alunos. A autora constatou ainda que os estudantes também eram afetados pelo facto de começarem a frequentar as aulas muito depois destas terem começado, porque tinham que esperar pelo deferimento do pedido de concessão de visto (que é um processo demorado) para poderem sair de Cabo Verde. A falta às primeiras aulas dificultava o acompanhamento das matérias, fazendo com que não fosse possível obter bons resultados em algumas disciplinas, o que provoca nos alunos um sentimento desmotivação e desânimo.

A revisão bibliográfica desenvolvida indica que o abandono escolar no ensino superior é um problema que afeta vários países, independentemente do nível de desenvolvimento ou das condições económicas. As causas do abandono não são exatamente as mesmas em todas as situações estudadas, mas é importante identificá-las pois as consequências do abandono refletem-se em toda a sociedade. O abandono é um indicador da qualidade das instituições de ensino superior e tem também um peso significativo na economia dos países que investem na educação e não têm o devido retorno desse investimento (Cabrera et al., 2006).

Como pudemos observar nos estudos apresentados, o abandono escolar universitário está associado a problemas financeiros. Contudo, estes problemas são

sempre acompanhados de outros fatores individuais ou contextuais. Nos fatores individuais pode referir-se a saúde, imaturidade, condição socioeconómica das famílias, obrigações familiares. Entre os fatores contextuais incluem-se dificuldades no ensino-aprendizagem, muitas reprovações, falta de motivação ou aptidão para o curso frequentado, este não ser a primeira escolha, insatisfação com os docentes, falta de feedback e empenho dos orientadores, falta de clarificação dos procedimentos académicos em relação a prazos, inscrições, regulamentos, e outros elementos da instituição, ou problemas na adaptação ao ensino superior, no relacionamento com os colegas e professores, incompatibilidade do horário do estudo e trabalho (no caso dos trabalhadores estudantes), distância entre a universidade e o local de trabalho, mudança de trabalho/local de trabalho posterior ao ingresso. Todos estes fatores são uma fonte de constrangimento da ação individual que podem ser determinantes na decisão de abandonar a universidade.

Porém, sabendo que as causas de abandono universitário dependem do contexto de estudo, existe a necessidade de identificar as causas do abandono por parte dos caboverdianos a estudar em Portugal para que se possam traçar estratégias adequadas e eficazes para prevenir ou minimizar tal problema.

A nossa pesquisa é realizada para avaliar se estes estudantes enfrentam dificuldades específicas e ainda não identificadas, ou se os problemas que levam ao seu abandono escolar são semelhantes aos já identificados na literatura. Com base na revisão da literatura elaboramos um questionário com o intuito de descobrir particularidades do abandono destes estudantes. A ideia inicial era desenvolver o estudo com base numa metodologia mista, quantitativa e qualitativa. Por isso foi contactada a DGEEC, solicitando o acesso aos micro-dados necessários para a estimação de um modelo econométrico (metodologia quantitativa). Foi-nos dito que tais micro-dados não podem ser disponibilizados por razões relacionadas com a lei de proteção de dados (lei nº 58/2019 de 08 de agosto). Assim, tivemos de abandonar a ideia inicial e desenvolver a nossa pesquisa apenas com base numa abordagem metodológica qualitativa (questionário).

3. Dados e metodologia

3.1. Caracterização do universo de alunos cabo-verdianos em Portugal

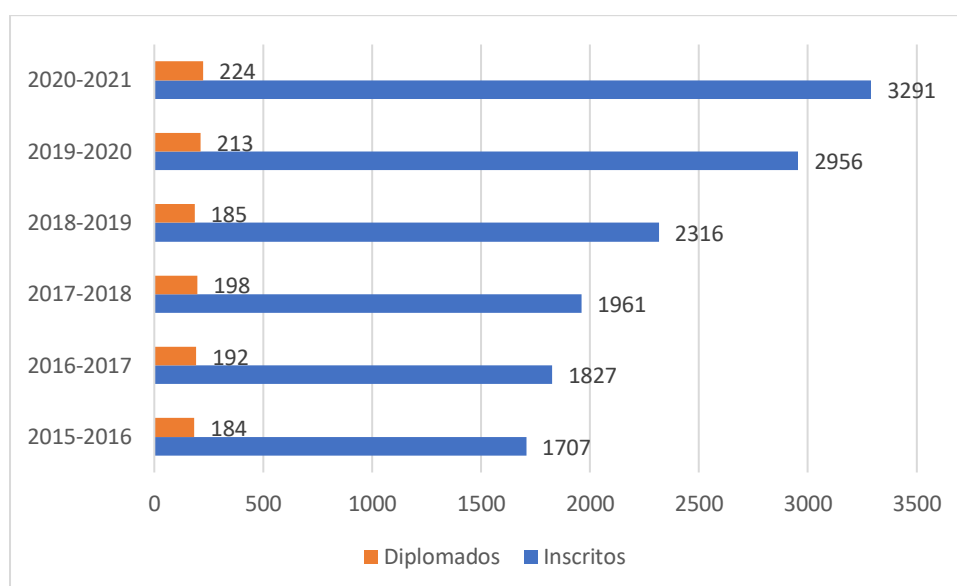
Com o objetivo de identificar o perfil dos estudantes cabo-verdianos nas instituições de ensino superior portuguesas, fizemos uma análise dos dados compilados pela DGEEC, filtrando-os para separar a informação relativa aos estudantes cabo-verdianos de licenciatura daquela que respeita aos estudantes de outras nacionalidades. Essa separação permitiu-nos fazer uma análise mais pormenorizada do conjunto de características associadas à nossa questão de pesquisa.

Analisámos o período de 2015 a 2021, pois corresponde à fase em que os dados estão completos. Nos anos anteriores, os dados disponíveis não estão separados por nacionalidade. Apesar de limitado pela disponibilidade de informação, o período analisado é adequado para o estudo, uma vez que cobre dois momentos distintos: um de estabilidade e recuperação económica e outro de incerteza e dificuldades económicas. Esta distinção é importante, uma vez que a revisão da literatura sugere que uma das principais causas do abandono escolar está relacionada com problemas económicos.

No período analisado, o total de inscritos (pela primeira vez e de continuação) nos cursos de licenciatura (1º ciclo) foi de 14058. O número total de diplomados no mesmo período foi 1196 (ver gráfico 1). O ano letivo de 2020/2021 foi aquele em que se verificou maior número de inscrições (3291, dos quais 1927 mulheres e 1364 homens) e também de diplomados (224, dos quais 152 mulheres e 72 homens).

Analisando as inscrições no período estudado, vemos que o seu número cresceu todos os anos, mas a taxas diferentes (7%; 7,3%; 18%; 27,6% e 11,3%). Com o aparecimento da pandemia de COVID-19 houve alterações no crescimento do número de inscritos. O ano em que este valor mais subiu (27.6%) foi o que antecedeu o início da pandemia (2019/20). No primeiro ano de pandemia, o número de inscritos subiu menos do que nos dois anos anteriores (11.3% em 2020/21). Esta diminuição na taxa de crescimento pode justificar-se por uma diminuição de novos alunos, ou porque os familiares dos que já estavam matriculados quiseram que eles deixassem Portugal e regressassem a casa.

GRÁFICO 1-Inscritos E DIPLOMADOS



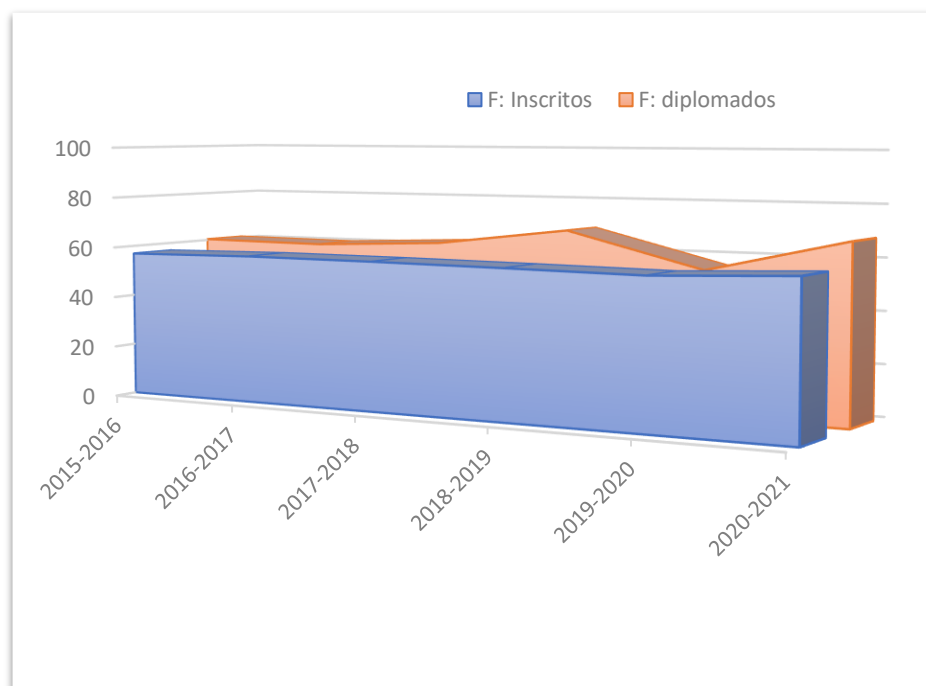
Fonte: DGEEC

O aparecimento da pandemia influenciou de forma negativa o crescimento do número de estudantes cabo-verdianos inscritos em universidades portuguesas. No entanto, o número de inscritos continuou a subir apesar do abrandamento no crescimento (a taxa de 27.6% em 2019/20 passou a ser de 11.3% em 2020/21). Ou seja, apesar do medo, das dúvidas e insegurança que a pandemia provocou, os estudantes cabo-verdianos continuaram a decidir estudar fora do país de origem, neste caso em Portugal. Isto aconteceu, provavelmente, porque a taxa de mortalidade em Cabo Verde não sofreu grandes alterações por causa da pandemia de COVID-19. Segundo a RTP Notícias, em 18 de novembro de 2022, o número de vítimas mortais provocadas pela COVID foi de 411. Nesta mesma notícia relatam o aparecimento de um novo óbito quase quatro meses depois do óbito anterior (RTP, 2022b).

Em relação ao número de diplomados, não houve alterações relevantes provocadas pela pandemia. Os alunos diplomados aumentaram ao longo do período analisado, exceto no ano 2018/2019. Contudo, se compararmos o número de inscrições e de diplomados concluímos que essa evolução não é proporcional. Esta disparidade sugere que existe um elevado número de abandono antes da conclusão do curso, justificando a importância de uma análise pormenorizada das suas causas.

Relativamente à distribuição por género, podemos ver no Gráfico 2 que, quer no número de inscritos quer no de diplomados, há sempre mais mulheres do que homens.

GRÁFICO 2-INSCRITOS E DIPLOMADOS: MULHERES (%)



Fonte: DGEEC

Esta predominância pode ser explicada pelo facto de a percentagem de reprovações no ensino primário e secundário ser mais elevada para os elementos do género masculino. Isto apesar do Relatório do Estado do Sistema Educativo Nacional (RESEN) de Cabo Verde (Ministério da Educação e Desporto, 2011), indicar que existe uma ligeira vantagem no número de rapazes em relação ao de raparigas na entrada para o ensino básico (em cada 100 rapazes há 93 raparigas). Porém, na entrada para o ensino secundário já há mais raparigas do que rapazes e essa vantagem é de 15%. Esta situação pode ser justificada, em parte, pela maior percentagem de repetência nos rapazes. Em 2009, a percentagem de repetentes do género masculino era de 12% e 22%, respetivamente nos ensinos básico e secundário, contravalores de respetivamente 8% e 19% para o género feminino (Ministério da Educação e Desporto, 2011). Provavelmente, perante tal realidade, de insucesso escolar e desmotivação dos filhos, os pais ou os próprios alunos decidem interromper o percurso académico. Estas diferenças não são, contudo, exclusivas de Cabo Verde. Segundo a Comissão Europeia, nos Estados Membros, Suíça, Islândia, Noruega e Turquia, no ano letivo de 2013/14, o abandono prematuro no ensino geral era mais elevado para os homens (13,3%, por comparação com 10,2% das mulheres). De

acordo com o Instituto Europeu para a Igualdade de Género (2022), na União Europeia, em 2012, a percentagem de contribuição do género feminino a nível da licenciatura era superior à do género masculino (59%).

Relativamente à natureza do estabelecimento de ensino, os alunos cabo-verdianos escolhem estudar maioritariamente em instituições públicas, em detrimento das privadas. Também é nestas instituições que se regista maior número de diplomado no final de cada ano letivo (ver Tabela 1).

TABELA 1-NATUREZA DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO

	Inscritos				Diplomados			
	Público		Privado		Público		Privado	
	#	%	#	%	#	%	#	%
2015/16	1389	81,4	318	18,6	144	78,3	40	21,7
2016/17	1543	84,5	284	15,5	142	74,0	50	26,0
2017/18	1750	89,2	211	10,8	159	80,3	39	19,7
2018/19	2143	92,5	173	7,5	157	84,9	28	15,1
2019/20	2665	90,2	291	9,8	178	83,6	35	16,4
2020/21	3005	91,3	286	8,7	189	87,9	26	12,1

Fonte: DGEEC

Esta escolha, possivelmente, é baseada no valor das propinas, ou seja, por serem mais baixas nas instituições públicas. Ou então, os antigos estudantes frequentaram maioritariamente instituições públicas e influenciaram a escolha dos novos. Oliveira, (2013) refere, numa notícia do jornal Expresso, que num estudo efetuado por uma universidade privada portuguesa, 53% dos alunos escolheram a instituição pelo facto de ela se situar próxima da sua residência, 25% pela qualidade do ensino e 22% pelo aconselhamento dos terceiros (Oliveira, 2013).

Se analisarmos apenas os números absolutos da Tabela 1, não tiraremos muitas conclusões - apenas que há mais alunos nas instituições públicas do que nas privadas. A análise dos valores relativos (percentagens) é mais esclarecedora e mostra que:

- Nas instituições públicas há um aumento da percentagem de inscrições interrompido apenas no ano de 2019/2020. Nas privadas acontece o contrário – diminuição até 2019/2020, ano letivo em que aumentam, para depois voltar a diminuir.

- A percentagem de diplomados nas instituições privadas aumentou apenas nos anos letivos de 2016/2017 e 2019/2020. Nas instituições públicas aconteceu naturalmente o contrário.

Os alunos que vão para as instituições públicas estão provavelmente melhor preparados para as exigências dessas instituições. Estes tendem a ser os alunos com as classificações mais altas. Também o facto de as propinas dessas instituições serem mais baratas influencia a escolha. De acordo com a crónica de Óscar Afonso no jornal Público, em relação às médias das classificações, os alunos que entram nas universidades públicas são melhores e têm mais empenho no desejo da sabedoria. Foram os melhores como estudantes do ensino secundário, conseguiram entrar nos cursos que correspondem às suas primeiras opções, e estão por isso mais motivados, mesmo que tenham de estudar mais, sendo conseqüentemente depois melhores profissionais (Afonso, 2018).

Ao analisar as informações para tentarmos perceber se os alunos cabo-verdianos preferem as instituições politécnicas ou universitárias, chegamos à conclusão que estes se inscreveram maioritariamente nas instituições politécnicas (Tabela 2).

TABELA 2-TIPO DE ENSINO

Ano	Inscritos				Diplomados			
	Politécnico		Universitário		Politécnico		Universitário	
	#	%	#	%	#	%	#	%
2015/2016	990	58,0	717	42,0	110	59,8	74	40,2
2016/2017	1193	5,3	634	34,7	109	56,8	83	43,2
2017/2018	1407	1,7	554	28,3	106	3,5	92	46,5
2018/2019	1775	6,6	541	23,4	120	4,9	65	35,1
2019/2020	2099	71,0	857	29,0	159	4,6	54	25,4
2020/2021	2188	66,5	1103	33,5	167	74,6	57	25,4

Fonte: DGEEC

A análise dos valores relativos da Tabela 2 mostra que:

- As percentagens de inscritos nas instituições politécnicas aumentaram até ao ano letivo de 2018/2019 e desceram a partir de então. Nas instituições universitárias verifica-se a tendência contrária.

- Em relação aos diplomados, nos politécnicos a percentagem diminui até ao ano letivo 2017/2018, aumenta em 2018/2019 e em 2019/2020 e mantém-se constante em 2020/2021. Naturalmente, nas instituições universitárias verifica-se um aumento até 2017/2018, diminuição em 2018/2019 e em 2019/2020, e manutenção em 2020/2021.

Numa crónica de opinião publicada no jornal Diário de Notícias, Jorge Conde diz que as escolhas destas duas instituições são baseadas no tipo de formação que os estudantes pretendem. Ou seja, se o aluno quiser um ensino cientificamente sólido, que contenha competências de ensino e de investigação, prefere as instituições universitárias. Se prefere preparar-se para o exercício de uma profissão específica, que seja orientada para a sua vocação e tecnicamente avançada, escolhe as instituições politécnicas (Conde, 2021).

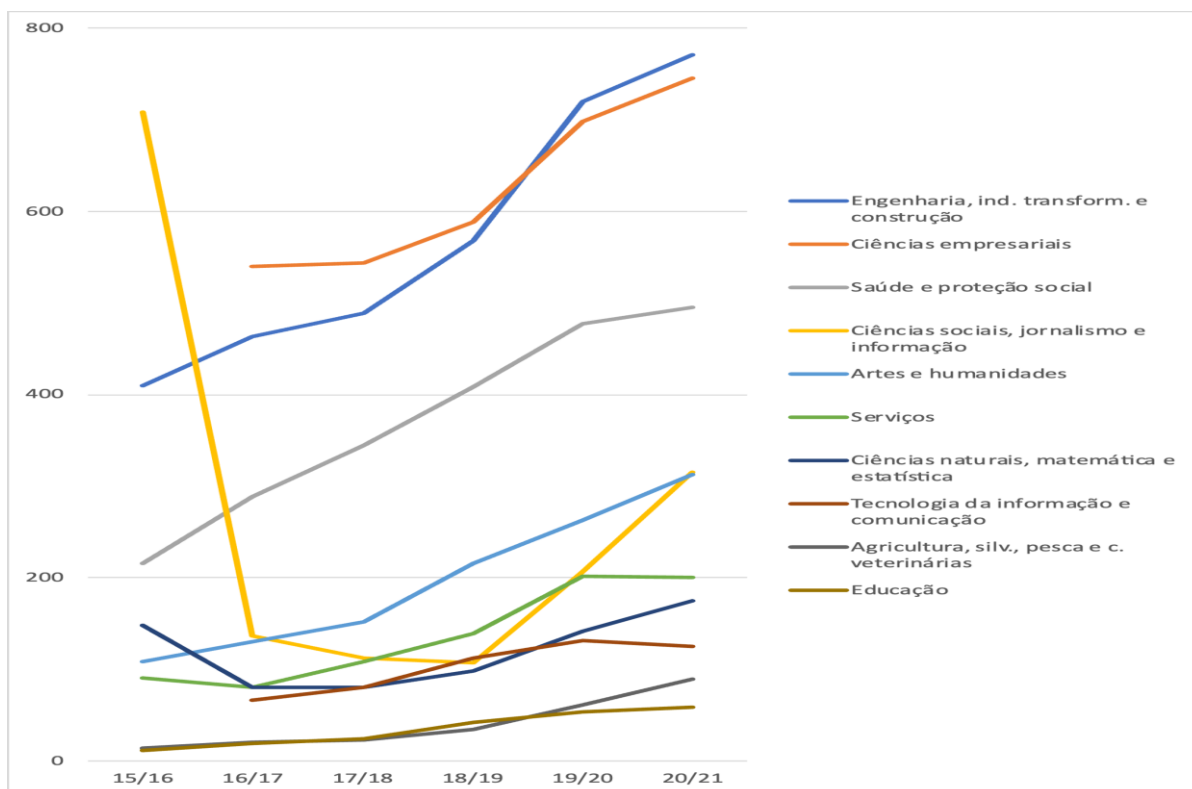
Quanto à preferência por uma área científica de educação dos inscritos, notamos que enquanto fazíamos o tratamento dos dados da base da DGEEC, percebemos que há algumas diferenças na distribuição dos alunos do ano de 2015 relativamente aos outros anos. Mas essas diferenças podem ser supridas da seguinte forma:

2015	Outros anos
01-Educação (igual aos outros anos)	
02-Artes e humanidades (igual aos outros anos)	
03-Ciências sociais, comunicação e direito	03-Ciências sociais, jornalismo e informação; 04-Ciências empresariais
04-Ciências, matemática e informática	05-Ciências naturais, matemática e estatística; 06- Tecnologia da informação e comunicação (TICs)
05-Engenharia, indústrias transformadoras e construção	07-Engenharia, indústrias transformadoras e construção
06-Agricultura	08-Agricultura, silvicultura, pesca e ciências veterinárias
07-Saúde e proteção social	09-Saúde e proteção social
08-Serviços	10-Serviços

Tendo em conta as escolhas dos estudantes em termos de áreas científicas, vemos

no gráfico 3 (números totais) que em primeiro lugar surge a área de Ciências empresariais; em segundo, Engenharias, indústrias transformadoras e construção; em terceiro a área de Saúde e proteção social; de seguida as áreas de Ciências sociais, jornalismo e informação. Finalmente vêm as outras áreas que não diferem muito em número de inscrições.

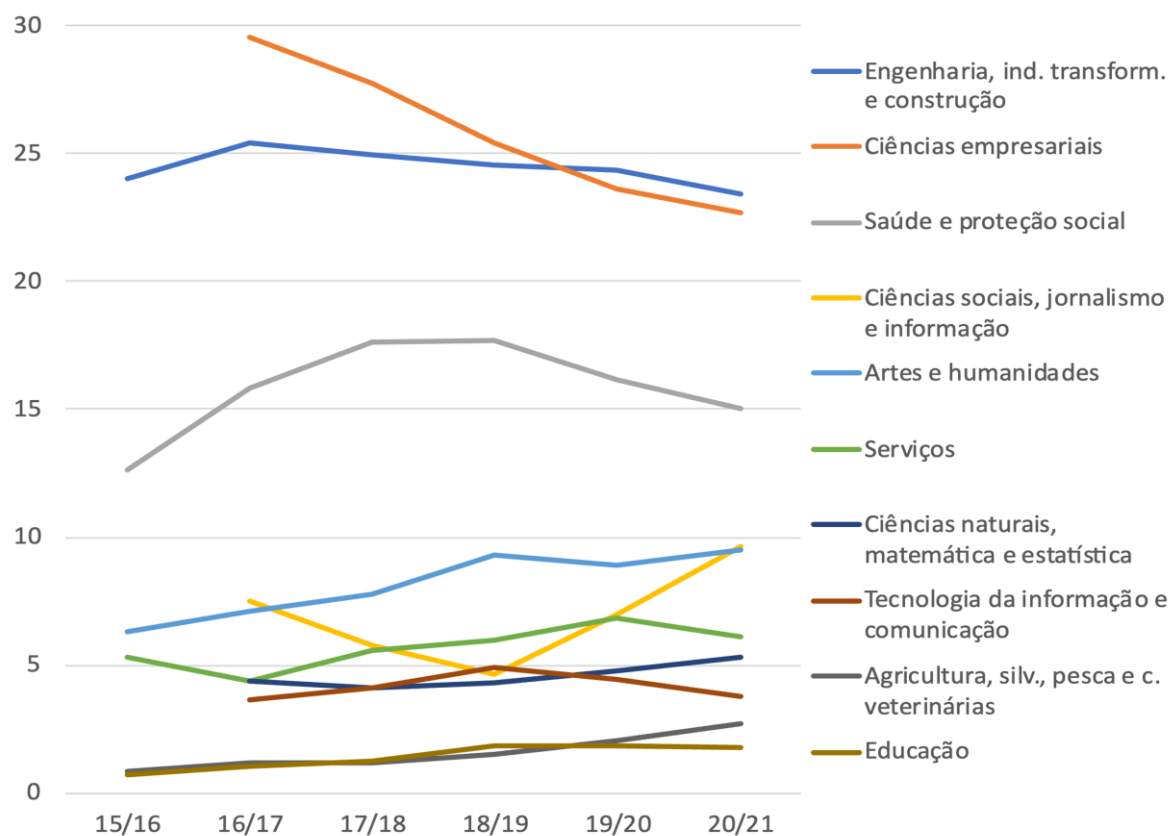
GRÁFICO 3-ÁREA DE EDUCAÇÃO DOS INSCRITOS



Fonte: DGEEC

O gráfico seguinte (Gráfico 4), em percentagem, permite ver que as duas áreas mais escolhidas têm perdido peso no total, ao contrário do que o gráfico acima, com o número dos alunos, sugeria. Ou seja, aumentam em número, mas descem em percentagem.

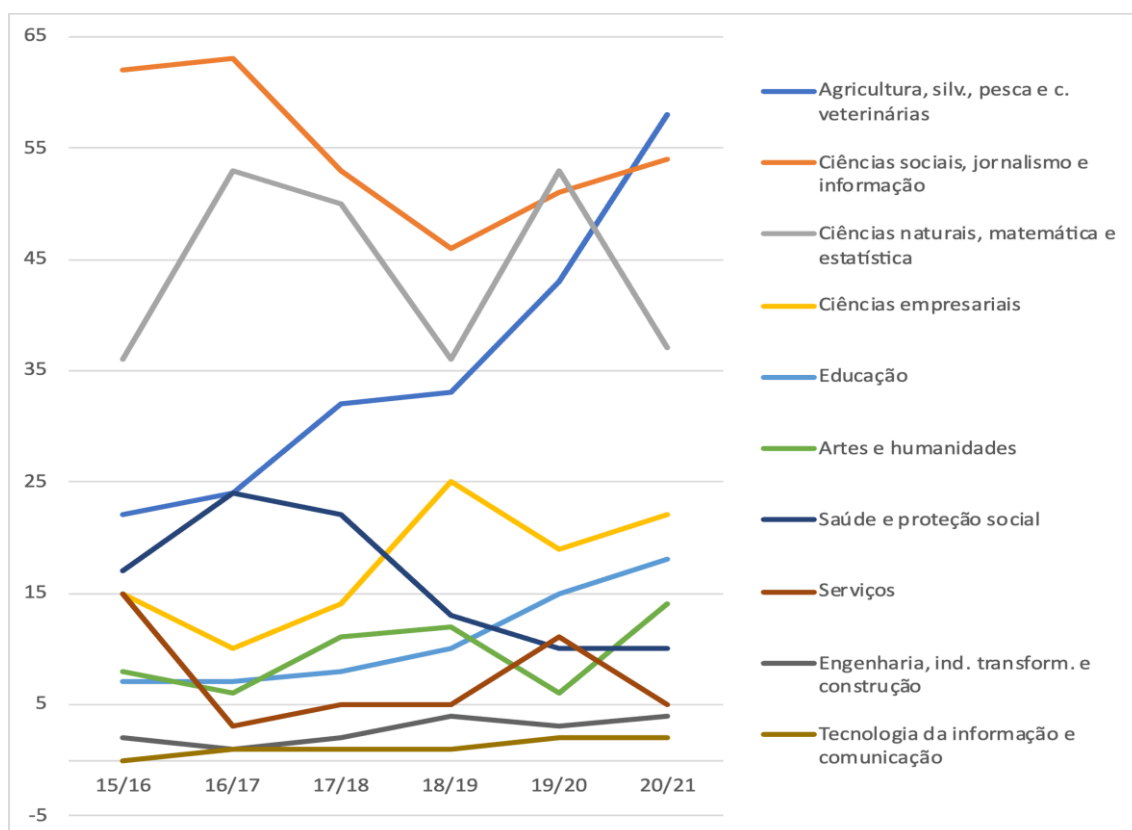
GRÁFICO 4-ÁREA DE EDUCAÇÃO DOS INSCRITOS (%)



Fonte: DGEEC

Em relação aos diplomados, as áreas de agricultura, silvicultura, pesca e c. Veterinários vêm em primeiro lugar, no segundo as áreas de Ciências Sociais, jornalismo e informação; seguido das áreas de c. Ciências naturais, matemática e estatística e comunicação e depois as outras áreas (ver Gráfico 5).

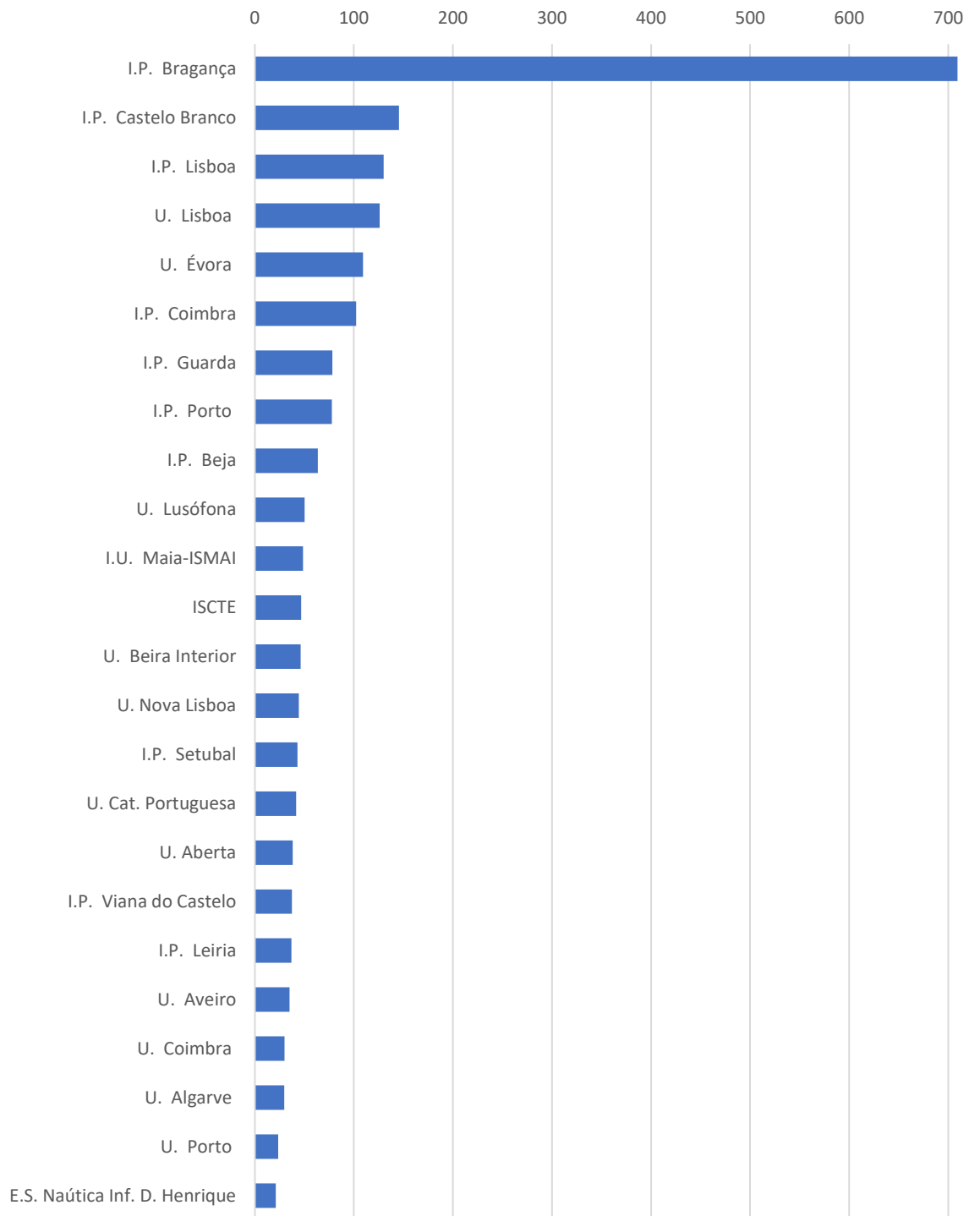
GRÁFICO 5-ÁREA DE EDUCAÇÃO DOS DIPLOMADOS



Fonte: DGEEC

Quanto ao número de alunos por estabelecimento de ensino, resolvemos apresentar apenas as universidades que receberam uma média de inscrições superior 20 por ano, porque são várias as instituições em Portugal que receberam alunos cabo-verdianos durante o período temporal analisado (toda a informação é mostrada nos quadros em anexo – Inscrições por estabelecimento. Decidimos assumir este critério de 20 alunos porque, se apresentássemos todas as universidades que receberam inscrições durante o período temporal em análise (há instituições que obtiveram apenas uma inscrição neste período) o gráfico ficaria pouco compreensível. Estas informações, estão apresentadas de no Gráfico 6, por ordem decrescente.

GRÁFICO 6- INSCRIÇÕES POR ESTABELECIMENTO



Fonte: DGEEC.

Como podemos ver, a instituição que tem recebido maior número de estudantes cabo-verdianos ao longo dos anos é o Instituto Politécnico de Bragança. Este facto é bastante interessante, uma vez que a região onde se situa essa instituição é uma das regiões de Portugal que apresenta o clima mais frio. Pelo facto de os estudantes serem oriundos de uma região quente, pensaríamos que provavelmente, a maioria escolheria para estudar regiões com climas mais quentes, e não o contrário. O número de inscrições nessa instituição tem aumentado ao longo do tempo. Isso é justificado, provavelmente, pelo facto dos estudantes cabo-verdianos quando fazem a escolha da instituição - quando as vagas não são conseguidas pela candidatura a bolsas da Direção Geral do Ensino Superior de Cabo Verde ou de Câmaras Municipais - serem influenciados por antigos/atuais estudantes cabo-verdianos nessa instituição que lhes são próximos (irmãos, primos e amigos). Ou seja, para muitos dos novos alunos, a escolha deste instituto politécnico é baseada no facto de em Bragança se encontrarem pessoas que os recebem bem, fazendo com que fiquem mais tranquilos e não se sintam desamparados num ambiente onde tudo é novo para eles. Mesmo que enfrentem certas dificuldades como, problemas para encontrar alojamento com valores acessíveis, adaptação climática e financeiros, têm pessoas próximas para os apoiar (Seibert, 2013 e Pereira, 2020).

3.2. Abandono escolar: Análise Exploratória

Como já referimos, a nossa análise tem uma extensão de 6 anos, com início no ano letivo de 2015/2016 e término no ano de 2020/2021. Na base de dados há informação para os estudantes inscritos e diplomados. Extraímos as informações relativas aos estudantes cabo-verdianos naquele período. Os dados da Tabela 3 mostram que, durante o período analisado, havia 14058 alunos cabo-verdianos inscritos em cursos de licenciatura - 1º ciclo - nas instituições portuguesas e 1196 alunos diplomados. Podemos concluir que apenas 8,5 % dos inscritos se diplomam. Apesar da necessária cautela na comparação destes dois indicadores, uma vez que não conseguimos uma relação directa entre os diplomados e o ano em que se inscreveram, estes valores sugerem uma disparidade significativa entre o número de diplomados e inscritos. Isto é bastante preocupante e justifica a nossa curiosidade e tentativa de tentar perceber porque é que a taxa de desistência destes alunos é bastante elevada.

Presume-se que as instituições de ensino querem que as proporções de inscritos e diplomados sejam as mais equilibradas possíveis. Ou seja, que a taxa de abandono seja

diminuta e que em todos os anos exista um número significativo de diplomados, proporcional ao de inscrições.

A revisão da literatura sugere que as dificuldades financeiras influenciam muito a decisão de abandonar a universidade, ainda que este fator não possa ser considerado individualmente. Existe um desequilíbrio entre o número de inscrições e de diplomados que, provavelmente, é consequência de vários problemas enfrentados pelos estudantes ao longo da sua vida académica.

Para perceber as mudanças que ocorreram no período temporal analisado, calculamos a taxa de variação anual do número de inscrições e de diplomados. Os resultados mostram que o número dos inscritos aumentou a ritmo crescente até ao ano de 2019/2020, tendo a taxa de variação sido mais baixa (mas positiva) no ano seguinte. Contrariamente aos inscritos, nos três primeiros anos, apesar de ter havido crescimento do número de diplomados, as taxas de variação diminuíram. No ano letivo de 2018/2019 o número de diplomados diminuiu em relação ao ano anterior (taxa de variação anual de -6,57%). As duas últimas taxas de variação voltaram a ser positivas, mas são de novo decrescentes.

TABELA 3 - RELAÇÃO ENTRE AS MATRÍCULAS E DIPLOMADOS NO PERÍODO ANALISADO

Ano	Inscritos		Diplomados	
	Total	Variação %	Total	Variação %
2015-2016	1707		184	
2016-2017	1827	7,03	192	4,35
2017-2018	1961	7,33	198	3,13
2018-2019	2316	18,10	185	-6,57
2019-2020	2956	27,63	213	15,14
2020-2021	3291	11,33	224	5,16

Fonte: DGEEC

Como já vimos (no Gráfico 1 e na Tabela 3), a diferença em cada ano entre os valores das inscrições e das graduações é muito alta (as segundas são cerca de 90% das primeiras). Este facto é preocupante e justifica a necessidade de entender os motivos que levam estes estudantes a abandonar os seus cursos. Quando eles decidiram sair de Cabo Verde para estudar em Portugal, tinham como objetivo melhorar no futuro as suas condições de vida

e as da sua família. Tal objetivo, na maioria das vezes, só se consegue investindo nos estudos (Sebert, 2013).

A taxa de abandono não é um problema apenas dos estudantes cabo-verdianos. É um problema enfrentado em diversos países. No ano de 2006, nos países da OCDE, em média 31% dos alunos matriculados no ensino superior não concluíram os seus estudos (Rodriguez-Gómez, et. Al., 2012). Segundo notícia publicada no Diário de Notícias (Diário de Notícias, 2017), em 2016, Malta tinha uma taxa de abandono de 19,6%, Espanha de 19% e Roménia de 18,5%. Em Portugal, no ano de 2018, cerca de 13 mil dos estudantes matriculados no ensino superior, no ano seguinte não se inscreveram, ou seja, 11,3% (Diário de Notícias, 2017). Segundo Aina, et. al. (2022), os alunos do ensino superior que terminaram um programa com a duração teórica de mais de 3 anos está entre, menos 20% no Reino Unido, Israel, Suíça e Irlanda, e mais de 40% no Brasil, Eslovénia, Chile, Bélgica (comunidade francesa), Suécia, Itália, Áustria e Estónia. Este é, portanto, um problema que afeta muitos países, mesmo os mais desenvolvidos.

3.3. Questionário: estrutura e forma de aplicação

Nesta dissertação o nosso objetivo é identificar os motivos que levam os alunos cabo-verdianos a abandonar as instituições universitárias portuguesas. Como vimos na secção anterior, a análise da informação disponibilizada pela DGEEC sugere que a taxa de abandono destes estudantes é bastante elevada. Este facto é preocupante, e por isso é necessário identificar os motivos que levam os estudantes cabo-verdianos de cursos de licenciatura nas universidades portuguesas a terem (in)sucesso durante o percurso académico. Com este objetivo foi elaborado um inquérito por questionário, anónimo, construído com base na nossa revisão da literatura relevante.

Tomando como referência as conclusões de outras pesquisas na mesma área de estudo, foi elaborado o questionário intitulado “Percurso no ensino superior dos alunos de Cabo Verde em Portugal”, composto por 32 perguntas, divididas em cinco secções e pelos seguintes temas:

- a) Caracterização
- b) Situação no ensino superior

- c) Situação socioeconómico familiar
- d) Fontes de rendimento, lugar de residência e tempo de deslocação da residência à universidade durante a frequência da universidade.
- e) Fatores e sua importância para o (in)sucesso universitário.

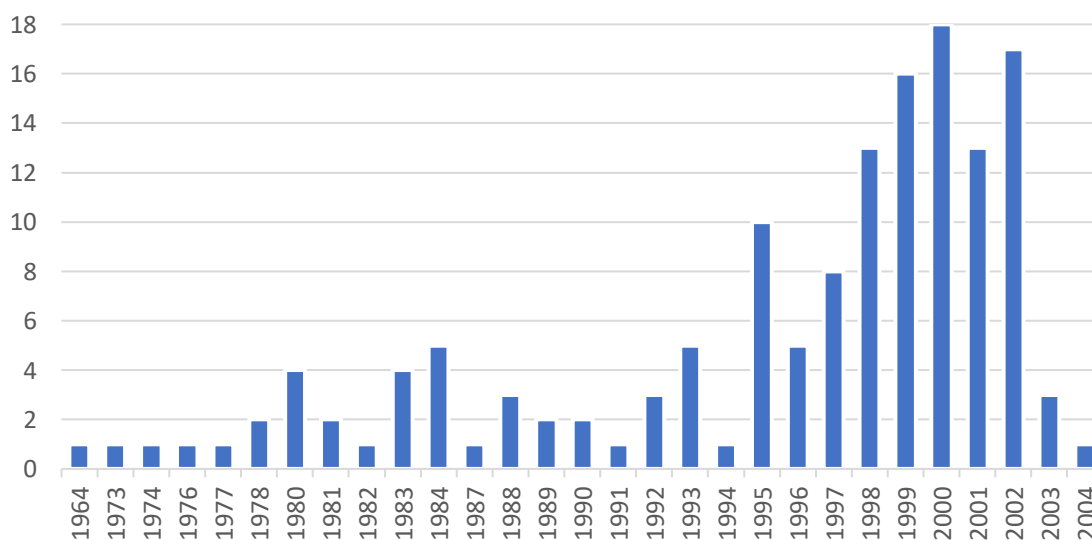
O recrutamento dos estudantes ou ex-estudantes que responderam ao inquérito por questionário foi feito através das redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram e por email). Procurámos respostas de pessoas que estão/estiveram inscritos em cursos de licenciatura nas diferentes instituições de ensino superior de Portugal. O questionário foi aplicado entre os meses de junho e novembro de 2022, através da plataforma Google Formulários:

<https://docs.google.com/forms/d/1GPXjtmwLqCqorMq9PjnG4cXKy81LRW377IQ4SuXZa2U/edit#responses>

3.4. Caracterização dos dados relativos aos alunos cabo-verdianos em Portugal

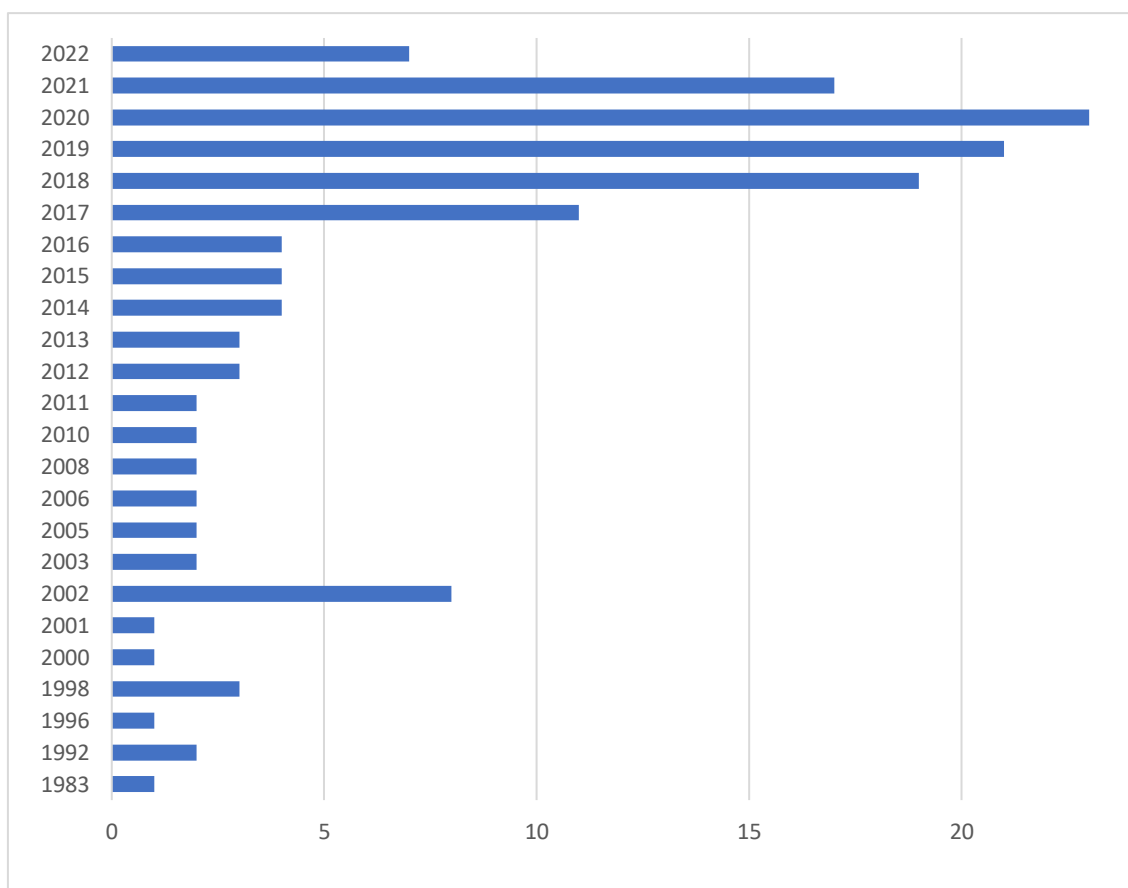
A amostra é composta por 145 estudantes cabo-verdianos. Algumas respostas ao questionário foram ignoradas por serem de pessoas que estudam/estudaram em instituições de ensino superior de Cabo Verde. Os respondentes nasceram entre 1964 e 2004 (Gráfico 7). A idade de entrada dos estudantes no ensino superior varia entre os 20 e os 27 anos (Gráfico 8).

GRÁFICO 7-ANO DE NASCIMENTO



Com base nos dados dos gráficos 7 e 8, calculamos a média de idades dos alunos à entrada para o ensino superior - ano de nascimento, menos ano de entrada – e concluímos que os alunos ingressam com a idade média de 20 anos.

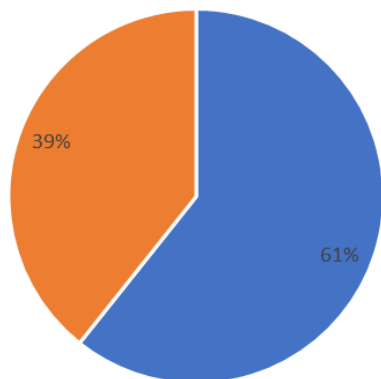
GRÁFICO 8-ANO DE INGRESSO NO ENSINO SUPERIOR



Em relação ao género dos inquiridos, a maioria é do género feminino, como pode ver-se no Gráfico 9 (à esquerda). Este fator também é verificado na base de dados da DGEEC (à direita), o que indica que, neste aspeto, a amostra é representativa da população de estudantes cabo-verdianos inscritos no ensino superior em Portugal.

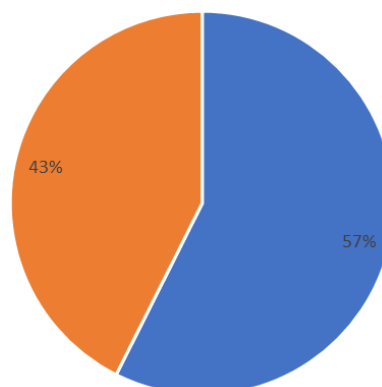
GRÁFICO 9-GÉNERO DOS INQUIRIDOS

Amostra



■ Feminino ■ Masculino

Inscritos

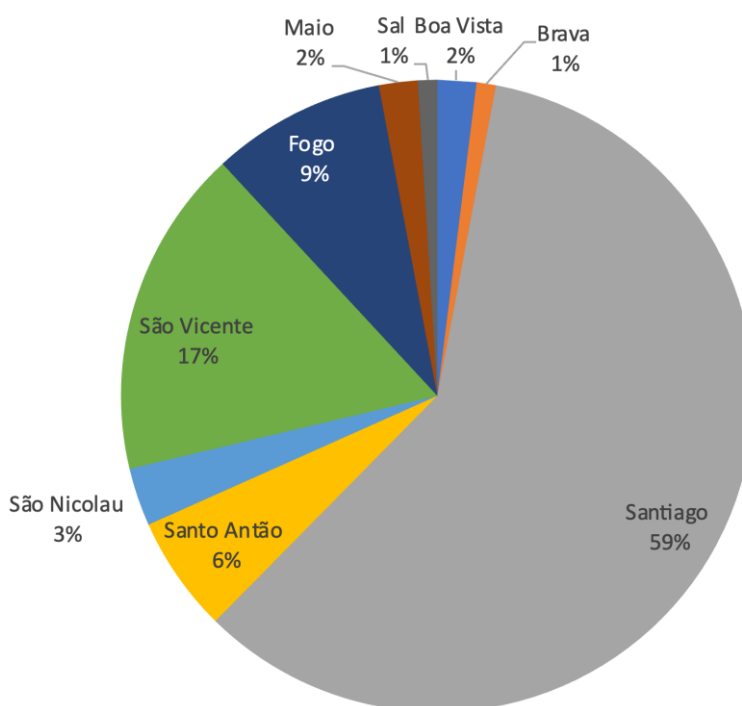


■ Femenino ■ Masculino

Se fizermos uma comparação da origem dos alunos (Gráficos 10 e 11), verificamos que a nossa amostra também é representativa a este respeito (gráfico 10), uma vez que a maioria dos inquiridos são oriundos da ilha de Santiago, seguindo-se a ilha de S. Vicente.

O facto de a maioria dos estudantes serem oriundos da ilha de Santiago, provavelmente decorre de esta ser a ilha com maior número de habitantes (ver Gráfico 11). Esta é também a ilha onde as pessoas têm rendimentos e níveis de formação mais elevados, principalmente as que vivem na cidade da Praia ou arredores. Assim, é provável que as famílias tenham melhores condições económicas e possam enviar os seus filhos para estudar fora do país, neste caso em Portugal.

GRÁFICO 10- NATURALIDADE: ILHA DE NASCIMENTO



O arquipélago de Cabo Verde localiza-se no Oceano Atlântico, a 455 Km da costa ocidental africana e tem uma extensão territorial de 4033 Km². Foi descoberto pelos navegadores portugueses em 1460 e é constituído por dez ilhas (um das quais desabitada - Santa Luzia) e alguns ilhéus. As ilhas são divididas em dois grupos: Barlavento e Sotavento. No conjunto do Barlavento encontram-se as ilhas de Santo Antão (754 Km²), São Nicolau (342 Km²), São Vicente (228 Km²), Sal (215 Km²), Boa Vista (622 Km²), e Santa Luzia (34 Km²). No Sotavento estão as ilhas de Maio (267 Km²), Santiago (992 Km²), Fogo (477 Km²) e Brava (65 Km²).

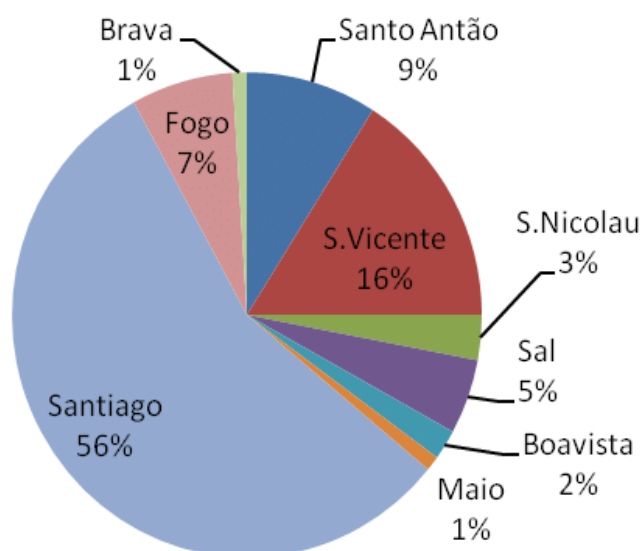
Segundo o Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde (em notícia da RTP Notícias, 2022 a), em 2021, a população residente no arquipélago de Cabo Verde era de 491 233 indivíduos – 246 363 homens e 244 870 mulheres. A ilha de Santiago, por ser a maior, é a mais povoada, contando com metade da população de Cabo Verde (56,7%), e destes 27,7% vive na capital de Cabo Verde - cidade da Praia. A segunda ilha mais povoada é São Vicente, com 14,7% da população.

A população de Cabo verde está distribuída de forma irregular, ou seja, concentrada maioritariamente nas zonas urbanas, principalmente na cidade da Praia e no Mindelo (ilha de São Vicente). Nos centros urbanos é também onde se encontra o maior

número de empregados e de pessoas com melhores condições económicas (INE de Cabo Verde citado no Diário de Notícias, 2018)

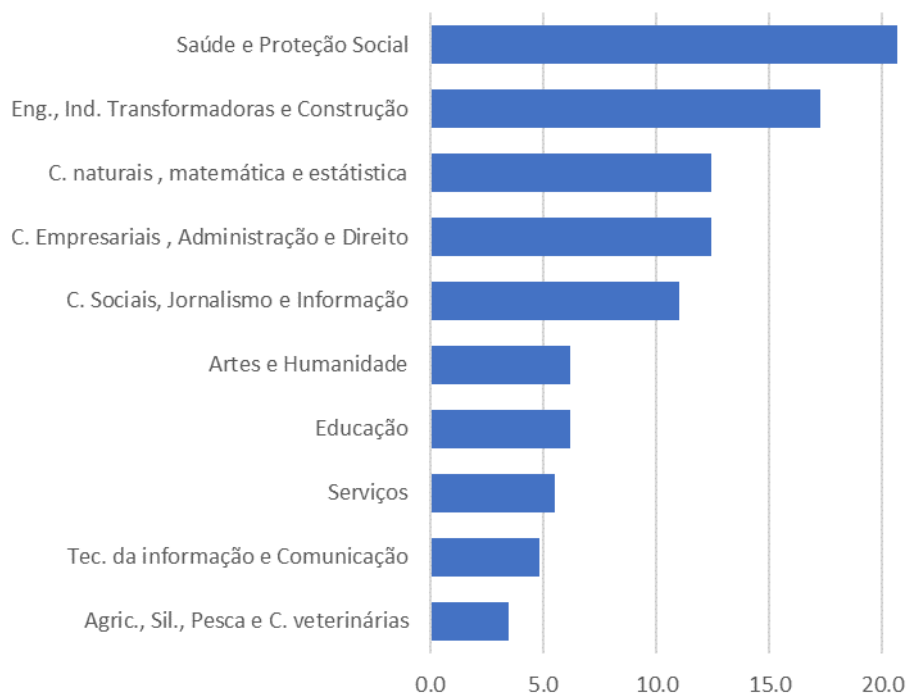
Como ainda não foi apresentado o último recenseamento, apresentamos a distribuição da população com base no recenseamento de 2010 (embora a população de 2010 seja superior em 1,6% à de 2021. Assim, a população do arquipélago de Cabo Verde estava distribuída pelas ilhas da seguinte forma (Carvalho e Fernandes, 2014).

Gráfico 11-Distribuição da população em Cabo Verde



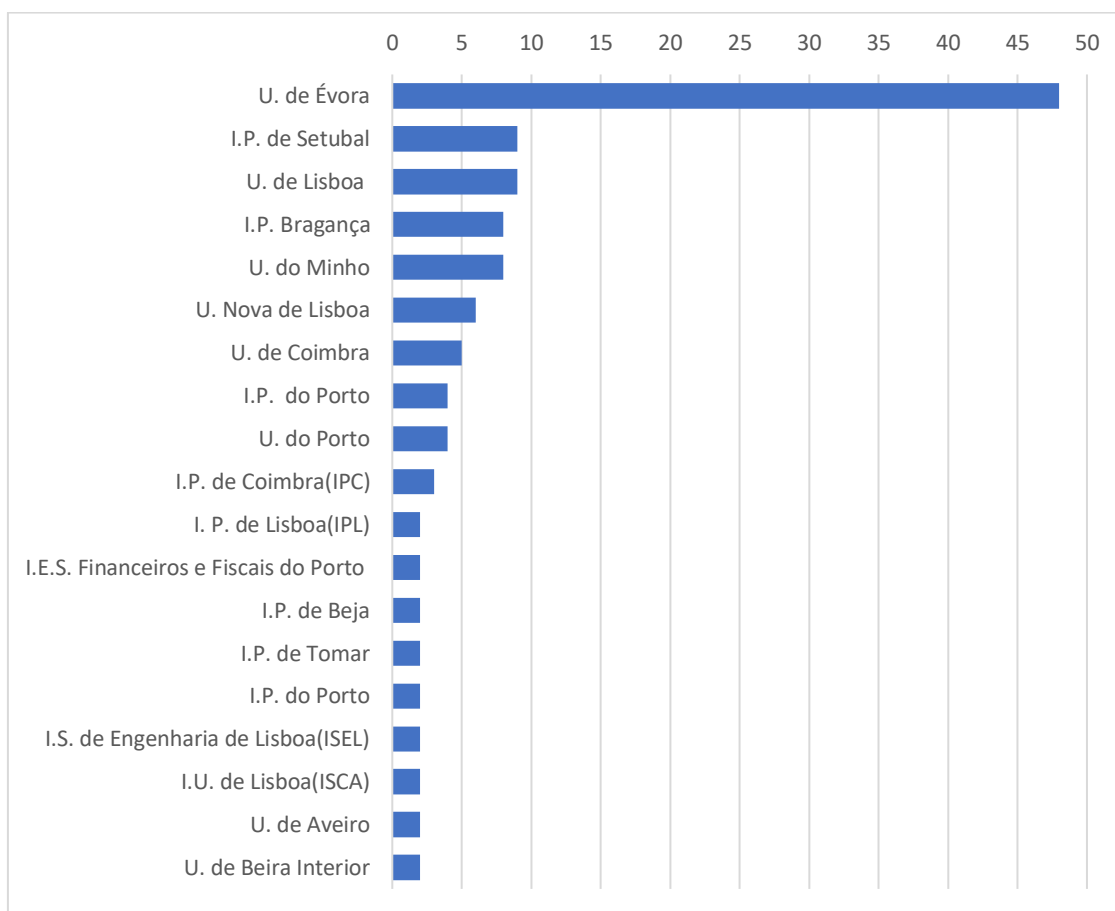
Os respondentes ao inquérito estão ou estiveram inscritos em várias áreas científicas de cursos de licenciatura, como podemos verificar no Gráfico 12. Predominam os cursos de Saúde e proteção social, e os de Engenharia, indústrias transformadoras e construção. Mas isto não corresponde exatamente às informações recolhidas na base de dados da DGEEC, onde as áreas preferidas pelos alunos eram em primeiro lugar Ciências empresariais e em segundo Engenharia, indústrias transformadas e construção. Quanto aos diplomados, as áreas com mais alunos são Serviços, Ciências naturais, matemática e estatística, e Educação.

Gráfico 12- Áreas Científicas dos Cursos de ingresso



Em relação à instituição de ensino superior em que os alunos estiveram/estão inscritos durante a licenciatura, verificamos que estas são diversificadas, o que também acontece nos dados da DGEEC. No entanto, contrariamente às informações recolhidas na DGEEC, a maioria das pessoas que responderam ao questionário são da Universidade de Évora (Gráfico 13).

Gráfico 13-Instituições em que está/esteve

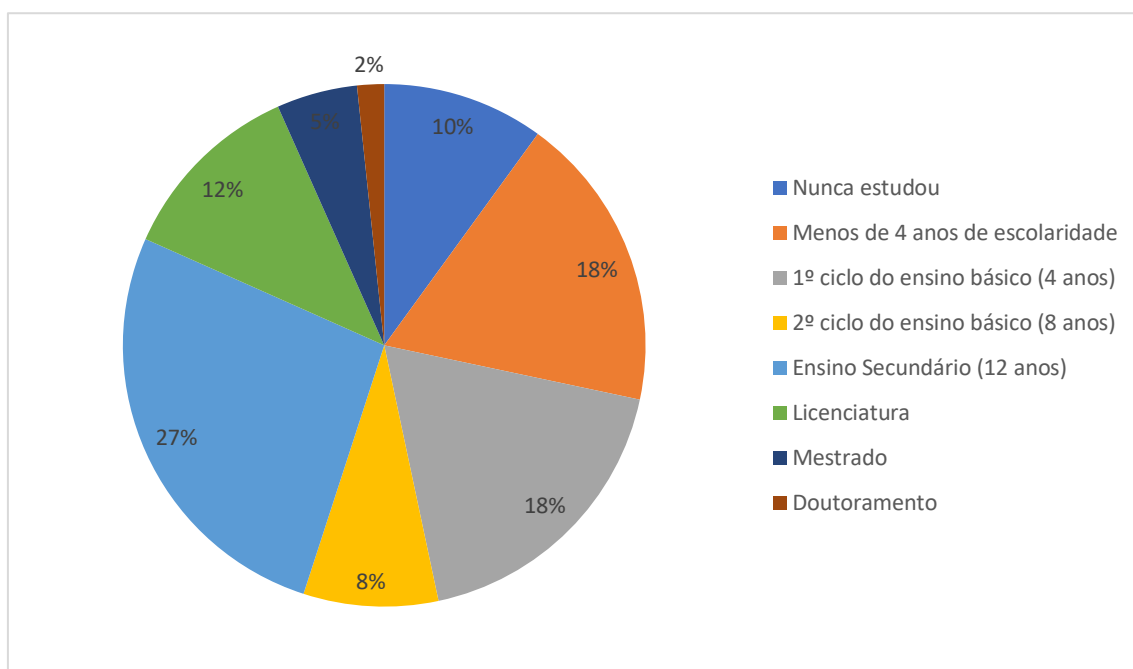


A predominância de respostas de estudantes da Universidade de Évora deve-se ao facto de a investigadora estar matriculada no Mestrado em Economia desta universidade, ou seja, está inserida na comunidade dos estudantes de Cabo Verde que vivem em Évora. Assim, no recrutamento dos inquiridos, os cabo-verdianos que vivem em Évora tiveram mais predisposição para responder ao questionário, por comparação com os de outras comunidades de cabo-verdianos em Portugal. Relembramos que a instituição que tem recebido mais estudantes de Cabo Verde nos últimos anos é o Instituto Politécnico de Bragança, sendo esta também uma das instituições com maior número de respostas ao inquérito.

Os alunos que responderam ao questionário estão/estiveram inscritos em várias instituições do ensino superior. Se colocássemos todas as informações no gráfico, este ficaria pouco perceptível. Por isso, apresentamos apenas as universidades que têm mais que duas inscrições (toda a informação encontra-se no quadro, *dados da entrevista*).

Quanto à composição do agregado familiar dos estudantes em Cabo Verde, incluindo a da estudante, a média por família é/era de cinco pessoas. Analisando o Gráfico 14, podemos verificar que relativamente às habilitações da mãe, é possível diferenciar dois grupos: mães com habilitações abaixo do ensino superior, 81%, e mães com ensino superior, 19%.

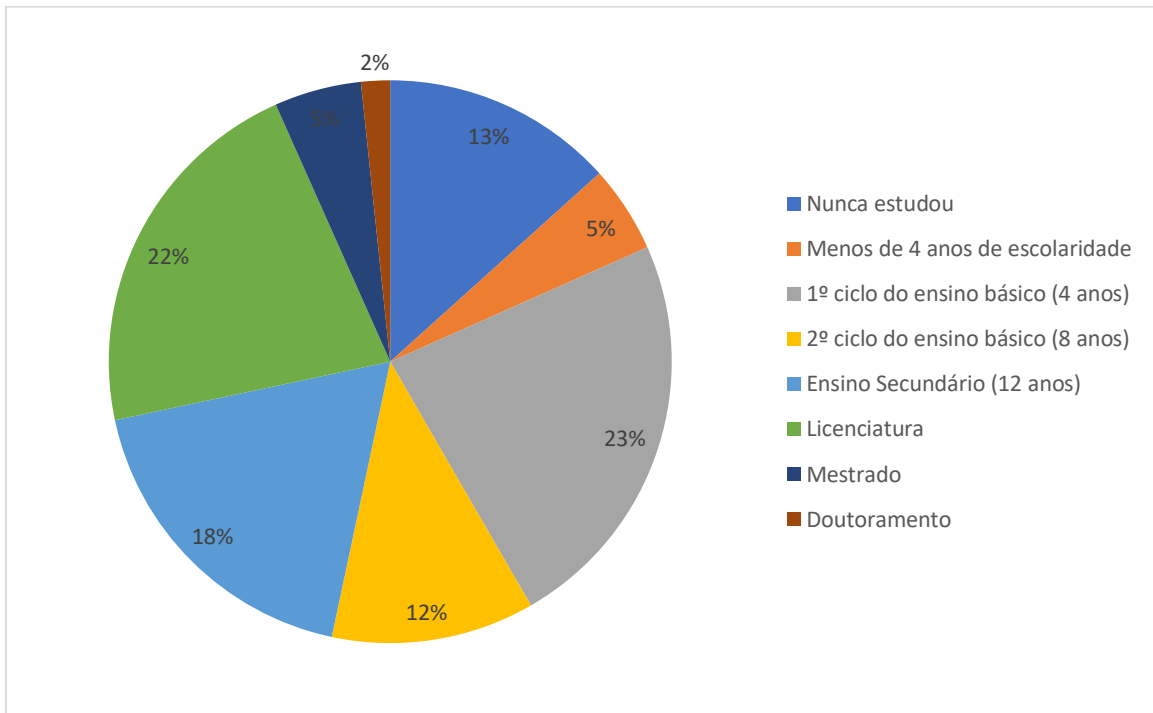
Gráfico 14-Habilitações da mãe



Das mães que têm habilitações abaixo do ensino superior, 8,5% nunca frequentaram a escola, 20,5% não chegaram a terminar o ensino básico (4º ano), 24,8% terminaram apenas o 1º ciclo do ensino básico (4 anos), 16,2% concluíram apenas o 2º ciclo do ensino básico (8 anos) e 29,9% completaram o ensino secundário (12º ano). Das mães que concluíram o ensino superior, 75% concluíram cursos de licenciatura, 17,9% de mestrado e 7,1% de doutoramento.

Como podemos ver em relação às habilitações dos pais (Gráfico 15), também há uma parte que possui habilitações abaixo do ensino superior, 71%, e outra com habilitações de ensino superior, 29%.

Gráfico 15-Habilitação do pai



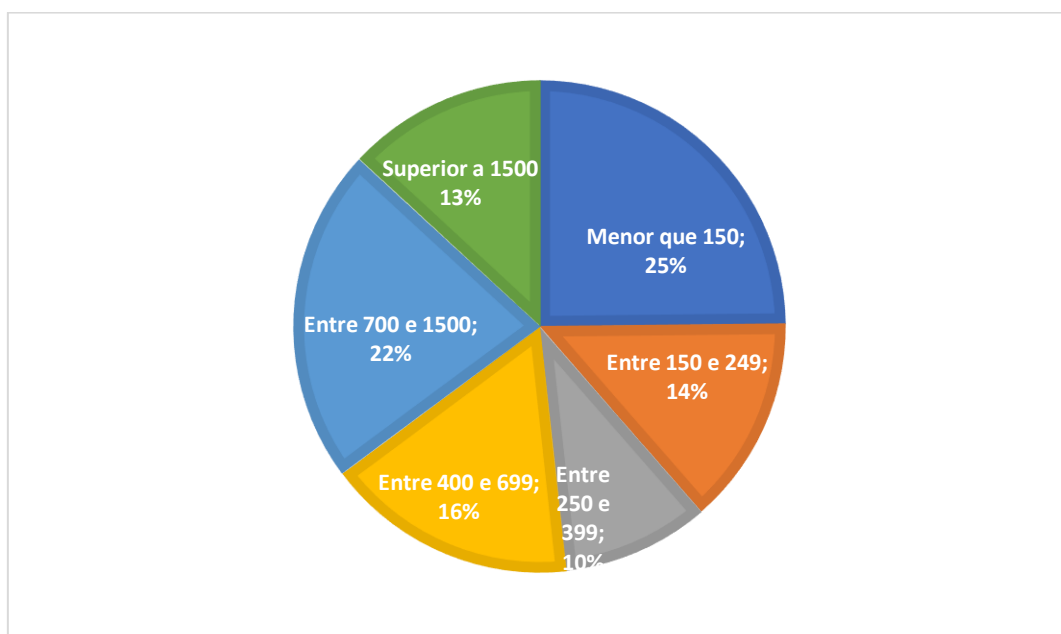
Dos pais que têm habilitações abaixo do ensino superior, 10,7% nunca frequentaram a escola, 9,7 % não chegaram a terminar o 4º ano de escolaridade, 34% terminaram apenas o 1º ciclo do ensino básico (4 anos), 15,5% terminaram apenas o 2º ciclo do ensino básico (8 anos) e 30,1% terminaram o ensino secundário (12º ano). Dos que concluíram o ensino superior, 66% concluíram cursos de licenciatura, 31% de mestrado e 2,4% de doutoramento.

Tendo em conta as habilitações dos pais, verificamos que os pais possuem, em média, mais habilitações académicas do que as mães dos inquiridos. Esta informação é contraditória com as informações recolhidas nos dados da DGEEC, que permitem concluir que há mais diplomados do género feminino. Ou seja, que o número de mulheres cabo-verdianas inscritas e diplomadas por instituições de ensino superior portuguesas é mais elevado do que o de homens. Esta contradição justifica-se, provavelmente, pelo facto de os respondentes serem filhos de uma geração na qual a maior parte dos estudantes que frequentaram o ensino superior eram homens. Prova disso é que segundo os dados do INE-CV (2017), nas famílias de tipo conjugal (que representam 54% dos agregados familiares de Cabo Verde e que são aquelas em que o agregado familiar é chefiado por homens), os homens têm um nível de instrução superior ao das mulheres. Mas esta tendência está a mudar, como demonstra a nossa pesquisa. Até há pouco tempo, eram os

homens que estudavam mais. Com as mudanças de gerações, as mulheres passaram a ter maior nível de habilitações. É possível que os filhos destas mulheres ainda não tenham chegado à idade de frequentar o ensino superior, ou então estas mulheres ainda não tiveram filhos. Pensamos que se repetirmos este estudo daqui a 10, 15, 20 anos, as mães dos alunos terão um nível de habilitações mais elevado do que o dos pais.

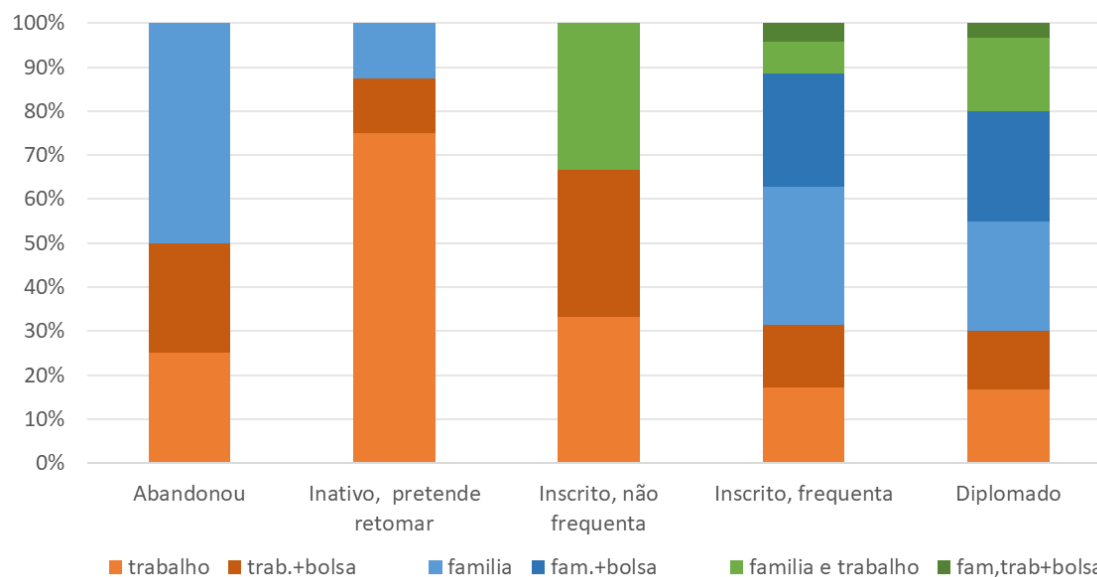
O Gráfico 16 mostra o rendimento mensal do agregado familiar dos alunos. Como podemos constatar, a maioria dos agregados familiares sustentam-se com menos do que o salário mínimo em Portugal (760 euros). Quem não conhece a realidade de Cabo Verde pode assumir que o custo de vida no país é mais baixo do que em Portugal, uma vez que o salário mínimo de Cabo Verde é de 14000 escudos (mais ou menos 140 euros). Comparando os salários mínimos dos dois países, para que houvesse uma equiparação do nível de vida, os preços dos produtos e serviços teriam que ser muito mais baixos em Cabo Verde, mas não são. Os preços são iguais aos praticados em Portugal, uma vez que a maior parte dos produtos consumidos em Cabo Verde são importados. Portanto, são determinados pelos preços nos países de origem. Isto significa que dada esta diferença de salários e de igualdade dos preços, o nível de vida em Cabo Verde é muito mais baixo. Segundo o Perfil da Pobreza Absoluta em Cabo Verde: Evolução da Pobreza Monetária Absoluta 2001/02, 2007 e 2015, o valor médio mensal de gastos por pessoa é de 13 851 escudos por mês (mais ou menos 140 euros). Em média, um agregado familiar com quatro pessoas gasta 55 404 escudos (mais ou menos 550 euros) em despesas totais. Com rendimentos tão pequenos, os níveis de poupança são muito baixos. Assim, os gastos correspondem mais ou menos aos rendimentos. Esta realidade de Cabo Verde, provavelmente, significa que os pais/familiares não conseguem ajudar/manter os estudantes que estão em Portugal. Logo, esses estudantes têm certas dificuldades financeiras, o que provavelmente afeta o (in)sucesso durante o percurso académico.

Gráfico 16-Rendimento mensal do agregado familiar (em euros)



O Gráfico 17 mostra as fontes de rendimento dos alunos, ou seja, como eles fazem para se sustentarem em Portugal.

Gráfico 17-Fonte de rendimento dos alunos



- Cerca de 41% dos respondentes receberam algum tipo de bolsa (26% mulheres e 14% homens). Do total de respondentes, 17% das mulheres trabalham e 11% trabalham e dependem do dinheiro da família; nos homens, 17% trabalham e 4% trabalham e dependem do dinheiro da família. A maioria das bolsas atribuídas aos respondentes são

do governo de Cabo Verde (26%) ou do Fundo de Apoio Social aos Estudantes da Universidade de Évora (8%).

Relacionando o abandono e as fontes de rendimento identificamos os seguintes grupos:

- Grupo de alunos que abandonou antes de concluir - 25% são bolsiros (e 75% não têm bolsa). 50% destes trabalha e 50% dependem do dinheiro da família;

- Grupo dos inativos, mas que pretendiam retomar - 12,5% são bolsiros (e 87,5% não têm bolsa). 87,5% trabalha e 12,5% depende do dinheiro da família e do trabalho;

- Grupo de inscritos, que não frequentam as aulas - 33,3% são bolsiros (e 66,7% não têm bolsa). 66,77% trabalham e 33,3 % dependem do dinheiro da família e do trabalho;

- Grupo dos inscritos que frequentam as aulas - 44,3% são bolsiros (e 55,7% não são). 31,4% trabalham, 57,1% dependem do dinheiro da família, 11,4% além de dependerem do dinheiro da família, têm de trabalhar.

- Grupo dos diplomados - 41,7% eram bolsiros (e 58,3% não). 30% trabalhavam, 50% dependiam do dinheiro da família e 20% além de dependerem do dinheiro da família, também tinham que trabalhar.

Além da ajuda da família e do trabalho, houve ainda um estudante que acrescentou ter também recorrido a crédito bancário para financiar os estudos.

É no grupo dos diplomados, ou dos que ainda estudam, que existe a maior percentagem de bolsiros. Algumas das bolsas atribuídas são de mérito. Os grupos dos respondentes que abandonaram, estão inativos ou não frequentam as aulas, são os que têm menor percentagem de bolsiros. Isto sugere que a atribuição de bolsas é uma ajuda importante para o (in) sucesso académico.

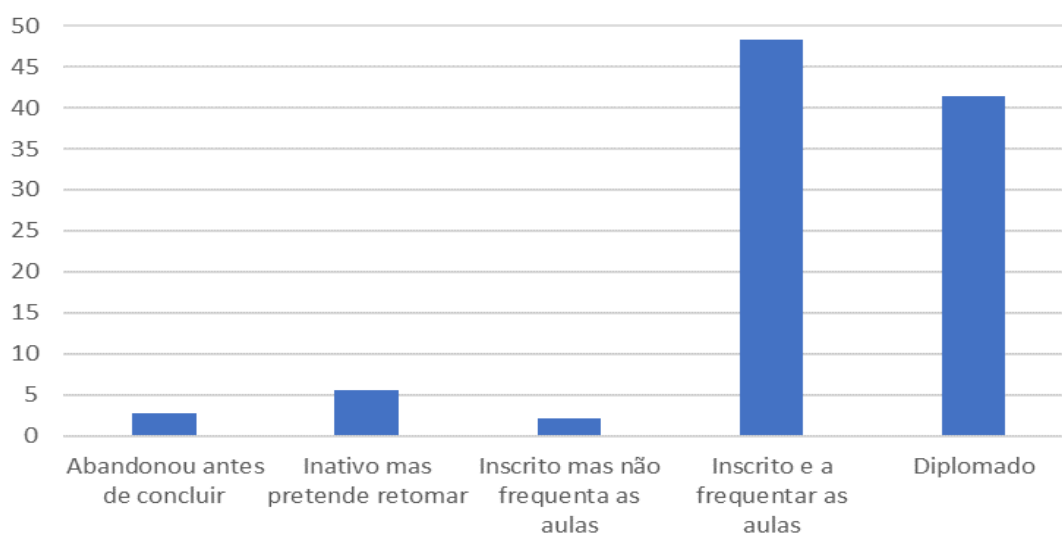
Há alunos cabo-verdianos que se candidatam a vagas nas universidades portuguesas por iniciativa própria. Depois de terem ingressado, candidatam-se a uma bolsa. Caso consigam, essa bolsa vai facilitar a sua vida, uma vez que não terão que se preocupar em conseguir dinheiro para pagar parte das despesas do seu percurso académico. Quando isso não acontece, provavelmente não conseguem continuar os estudos e têm que alterar os seus planos.

4. Análise de resultados

4.1. Abandono/insucesso e os seus determinantes

Em relação à situação perante o curso, 48% dos respondentes estão a frequentar as aulas, 41% já estão diplomados, 6% estão inativos, mas pretendem retomar, 3% abandonaram a universidade antes de concluir o curso e não têm planos para retomar, e 3% dos alunos estão inscritos, mas não frequentam as aulas (Gráfico 18).

GRÁFICO 18-SITUAÇÃO PERANTE O CURSO (%)



De seguida apresentamos na Tabela 4 o resumo das características de cada categoria, apresentando a situação perante o curso, para facilitar a comparação entre as cinco categorias. Os alunos ativos encontram-se, em média, a meio dos cursos, com cerca de 50% de disciplinas já concluídas.

TABELA 4-CONCLUSÕES POR CATEGORIA

	Abandonou	Inativo, pretende retomar	Inscrito, não frequenta aulas	Inscrito frequenta aulas	Diplomado
Média de idade (e intervalo) no ingresso	23 (19 a 28)	21 (18 a 24)	20 (18 a 22)	21 (18 a 40)	19 (17 a 27)
Mulheres	50%	25%	33%	60%	68%
Habilitações literárias (moda): mãe	Secundário	menos que 4º ano	2º ciclo (8 ano)	1º ciclo (4º ano)	Secundário
Habilitações literárias (moda): pai	Secundário	Secundário	< 4 anos, secundário, licenciatura	1º ciclo (4º ano)	1º ciclo (4º ano)
Agregado familiar:					
Dimensão média irmãos no ES	5	4	5	5	4
rendimento médio	25%	0%	100%	54%	48%
Deslocação residência – IES	875	338	458	571	689
Deslocação residência – IES	45.5'	40'	32'	25'	25'
Tipo de residência (moda)	quarto/casa arrendada	quarto/casa arrendada	quarto/casa arrendada	resid. univ.,	quarto/casa arrendada
Principal fonte de rendimento dos alunos (moda)	trabalho e ajuda familiar	trabalho	trabalho	ajuda familiar	ajuda familiar

A idade de ingresso dos alunos nas instituições de ensino superior portuguesas está entre os 19 e 28 anos. Os alunos que ingressaram com menos idade estão na categoria dos diplomados (19). Apesar do género feminino ser o grupo predominante no total dos respondentes, verificamos que nos grupos de inativos, que pretendem retomar (25%) e de inscritos, mas não frequentam as aulas (33%), o género masculino é predominante. Quanto à escolaridade dos pais, a escolaridade predominante das mães é o ensino secundário, e a dos pais é o 1º ciclo (4º ano) e secundário. O agregado famílias dos alunos é constituído por entre 4 e 5 pessoas. O grupo com os agregados familiares com menor nível de rendimentos é o dos inscritos, que não frequentam as aulas. Quanto ao tempo gasto na deslocação entre a residência e a instituição de ensino superior, ele é mais elevado nos grupos de inativos, que pretendem retomar (45,5') e de inscritos, que não frequentam as aulas (40'). A maioria dos alunos moram em quartos ou casas arrendadas, expeto o grupo dos alunos que continuam a frequentar as aulas, em que a residência predominante é a residência universitária. É interessante verificar que os grupos dos alunos que frequentam as aulas e dos diplomados são os únicos em que a principal fonte de rendimento é a ajuda de familiares, relativamente aos outros grupos, que têm que trabalhar. Isto indica que este grupo fica com mais tempo e disposição para dedicar aos estudos e à vida académica.

4.2.Fatores e a sua importância para o (in)sucesso universitário

Na Tabela 5 apresentamos o resumo das respostas dos alunos relativamente ao nível de importância que atribuem a cada fator para o (in)sucesso no ensino superior, com o intuito de facilitar a comparação.

No âmbito dos problemas de alojamento, os inquiridos, além das dificuldades previamente mencionadas, também indicam que encontrar quartos com preços acessíveis para arrendar (ou mesmo encontrar quartos para arrendar) é um dos principais problemas que os estudantes enfrentam

TABELA 5-FACTORES E SUA IMPORTÂNCIA PARA O (IN)SUCESSO ACADÊMICO

	Extremamente importante	Muito importante	Pouco importante	Nada importante
Relação com os professores	23,4	56,6	5,5	14,5
Relação com os colegas	20,0	53,1	4,8	22,1
Saudades da família e amigos	26,9	48,3	4,8	20,0
Diferença clima em Portugal	9,0	25,5	13,8	51,7
Problemas de Saúde	33,1	51,7	4,8	10,3
Rendimento insuficiente	56,3	35,6	2,5	5,6
Atraso no pagamento de bolsas	42,1	39,3	8,3	10,3
Condições de alojamento	31,0	54,5	3,4	11,0
Dificuldades das matérias do curso	39,3	43,4	2,8	14,5
Má preparação do ensino secundário	37,9	52,4	5,5	4,1
Insatisfação com o curso ou a instituição	28,3	49,7	6,2	15,9
Dificuldades em organizar-se longe da família	24,1	48,3	6,2	21,4

Para uma melhor análise global das respostas a esta questão, fundamental para o objetivo desta dissertação, construímos um índice para quantificar as respostas qualitativas apresentadas na Tabela 5. Atribuímos o valor 4 às respostas ‘extremamente importante’, 3 a ‘muito importante’, 2 a ‘pouco importante’ e 1 a ‘nada importante. Embora conscientes de que esta quantificação possa não representar exatamente as opiniões qualitativas dos respondentes, um índice ajuda a fazer comparações e a retirar conclusões.

O Gráfico 19 apresenta os resultados obtidos com a construção do índice. Todos os fatores foram considerados importantes em média, pelo que o índice mostra apenas a metade superior do intervalo do índice, a partir do valor 2.5.

Os quatro fatores considerados mais importantes para o sucesso académico foram fatores financeiros e pedagógicos. Por um lado, as dificuldades financeiras no pagamento de despesas essenciais, em particular causadas pelo facto das quantias enviadas pelos pais e familiares serem insuficientes para arcar com as despesas e pelo atraso no pagamento de bolsas de estudo. Por outro lado, uma insuficiente preparação prévia no ensino secundário, que agrava a dificuldade sentida com os conteúdos curriculares dos cursos.

De entre os fatores considerados relativamente menos importantes para o sucesso académico encontram-se fatores sociais, como o relacionamento com colegas e professores, saudades e dificuldade de adaptação longe da família, e a adaptação a um diferente clima.

GRÁFICO 19-FACTORES E SUA IMPORTÂNCIA PARA O (IN)SUCESSO ESCOLAR



4.3. Discussão de resultados

Como foi referido anteriormente, os dados desta pesquisa foram extraídos da base de dados da DGEEC e da aplicação de um questionário aos estudantes cabo-verdianos que frequentam ou frequentaram o ensino superior em Portugal, com o objetivo de avaliar o percurso no ensino superior dos alunos cabo-verdianos em Portugal.

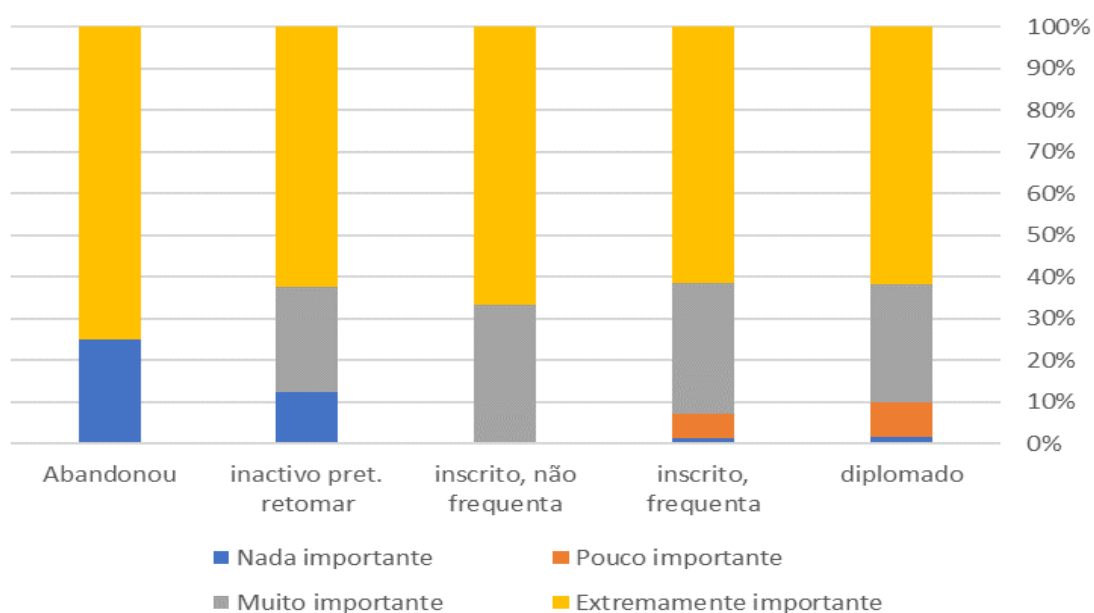
O abandono precoce no ensino superior é um dos maiores problemas que as instituições de ensino superior enfrentam, pelas suas consequências sociais, económicas e educacionais. Como refere Amaral (2019), a essência do abandono escolar é desconhecida, além de ser um problema bastante complexo. Levando em consideração as conclusões de outras investigações nesta área, faremos nesta seção uma discussão mais pormenorizada dos resultados obtidos.

Apesar de já termos mostrado na Tabela 5 a relevância dos fatores potencialmente importantes para o sucesso académico a nível geral das categorias, agora fazemos essa análise por grupos, de acordo com a situação atual dos inquiridos. Analisando os dados do inquérito chegamos à conclusão que, dependendo do grupo dos respondentes, alguns fatores tomam mais importância. Passamos a indicar esses fatores e o nível de importância de cada um, em cada grupo, para o (in)sucesso durante o percurso académico.

a) Rendimento insuficiente para as despesas essenciais

De um modo em geral, confirmamos a hipótese que o (in)sucesso dos alunos cabo-verdianos no ensino superior está relacionado, principalmente, com problemas financeiros. Fazendo uma análise do perfil de cada grupo de inquiridos, podemos constatar que os grupos de agregado familiar com melhores condições financeiras são os dos diplomados e o dos inscritos e a frequentar as aulas (Tabela 4). Contudo, todos os grupos consideram que este fator é extremamente importante para o (in)sucesso no ensino superior (Gráfico 20).

GRÁFICO 20-RENDIMENTO INSUFICIENTE PARA AS DESPESAS ESSENCIAIS

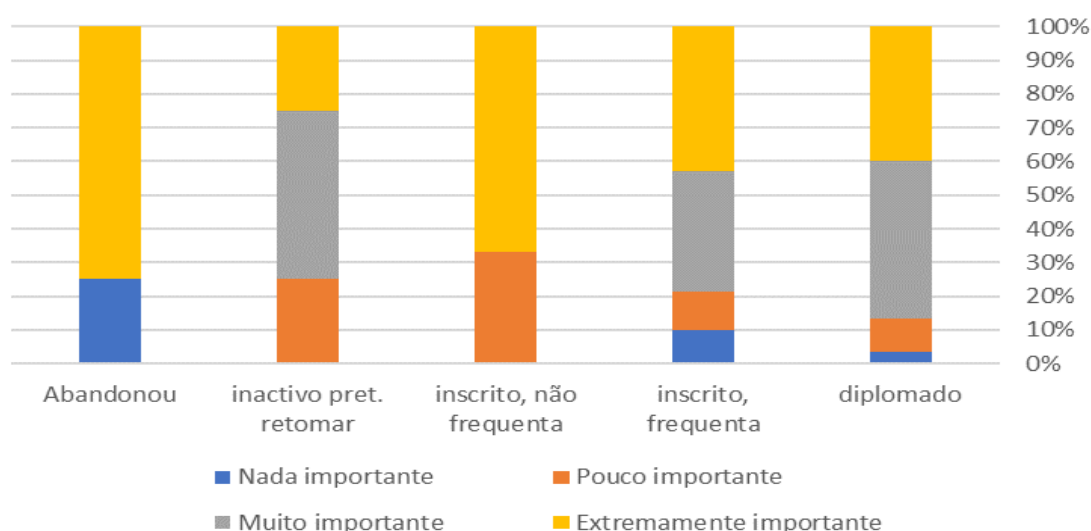


Tendo em conta o número de alunos nestes grupos, podemos concluir que o rendimento do agregado familiar é superior ao dos outros agregados familiares. Também percebemos que estes alunos, na sua maioria, dependem da ajuda dos familiares para pagar as despesas (há alunos que trabalham e recebem essa ajuda). Este também foi a principal causa de abandono apontado nos estudos de Ferreira e Fernandes (2015), Zhai e Monzon (2001), Benatti (2017), Amaral (2019), Au-Yong-Oliveira (2017), Montmarquette et al. (2001) e Rodrigues (2009).

b) Atraso no pagamento de bolsas ou não atribuição de bolsa

Um outro fator que está associado aos problemas financeiros é o atraso no pagamento das bolsas, ou também provavelmente a não de atribuição de bolsas, como podemos constatar no Gráfico 21.

GRÁFICO 21-ATRASSO NO PAGAMENTO DAS BOLSAS



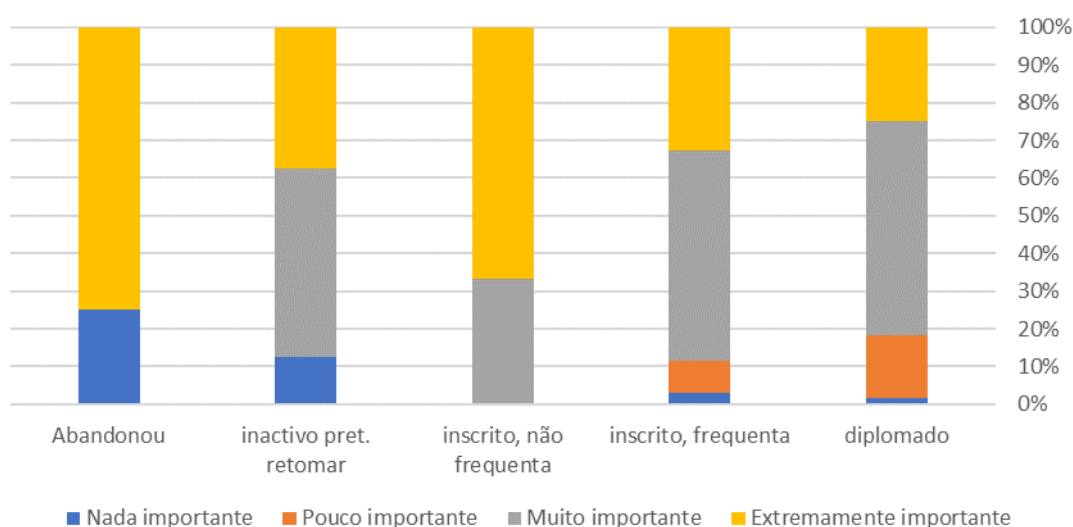
O atraso no pagamento das bolsas acarreta frustrações, já que os alunos têm a expectativa de que o valor da bolsa será pago em determinado dia, e organizam os gastos de acordo com essa expectativa. Quando esse valor não é pago no dia determinado, gera angústia e frustração com as quais nem todos os alunos estão preparados para lidar já que, nessa altura, provavelmente restam (se restarem) algumas moedas para satisfazer as necessidades básicas.

Em relação à não de atribuição de bolsas, muitas vezes os alunos cabo-verdianos resolvem por iniciativa própria candidatar-se a uma vaga no ensino superior, para continuar os estudos, na esperança de serem contemplados com uma bolsa, que facilitaria o pagamento das despesas durante o percurso académico. Se isso não acontecer, provavelmente não conseguem continuar o percurso que iniciaram e os seus planos têm que ser mudados. Assim, provavelmente este fator é tido como relevante para os respondentes pelos motivos ditos anteriormente. Para a maioria dos estudantes, não serem contemplados com uma bolsa dificulta a continuação do seu percurso académico (Montmarquette et al., 2001).

c) Condições de alojamento

Este é outro fator que influencia o (in)sucesso já que se reflete no bem-estar do aluno. Por exemplo, em conversas informais com estudantes, uma das principais queixas/reclamações relaciona-se com as condições das casas em Évora, principalmente no Inverno. São muito húmidas, frias e é difícil aquecê-las (sendo que o aquecimento se traduz em custos adicionais). As casas também são na sua maioria velhas e sem condições adequadas de alojamento. Se os alunos estão desmotivados com as más condições da habitação, principalmente se antes, em Cabo Verde, viviam numa residência com boas condições, isso refletir-se-á no seu estado de espírito e motivação, na frequência das aulas e na dedicação ao estudo. Como podemos verificar no Gráfico 22, este fator também é relevante para os alunos no (in)sucesso no ensino superior.

GRÁFICO 22-CONDIÇÕES DE ALOJAMENTO

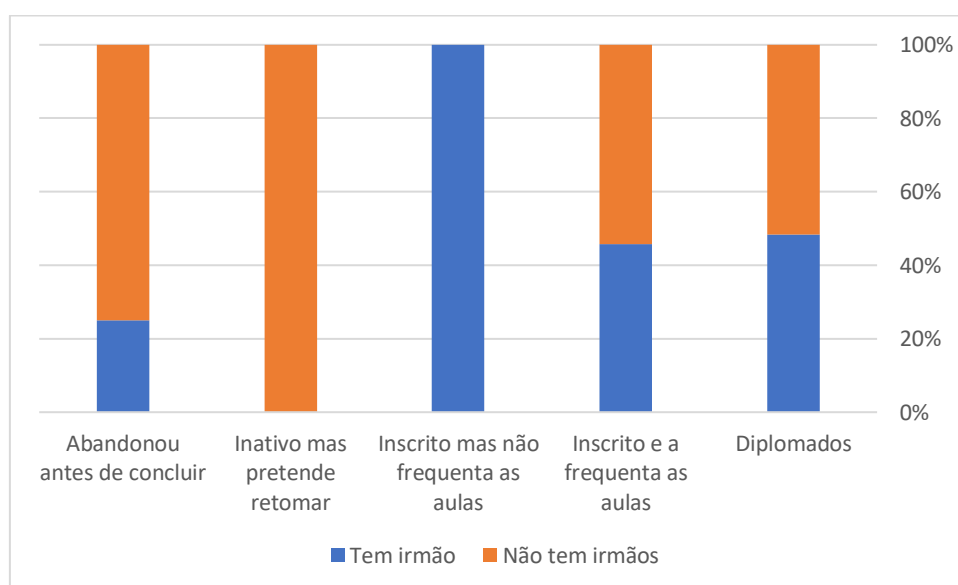


d) Ter irmão(s) a frequentar simultaneamente o ensino superior

Um fator que antecipámos poder influenciar os alunos na continuação do seu percurso académico até ao final é ter um irmão também a frequentar o ensino superior na mesma altura. Se isso acontecesse, podiam auxiliar-se em termos financeiros, no processo de legalização em Portugal ou de motivação. Analisando o Gráfico 23, chegamos à conclusão que:

- A maior percentagem do grupo de alunos que abandonaram sem concluir, não têm irmãos a frequentar o ensino superior;
- O grupo de alunos Inativos, mas que pretendem retomar não têm/tinham irmãos no ensino superior na época em que estudaram;
- Contrariamente ao grupo antes referido, no grupo de inscritos, mas que não frequentam as aulas todos têm/tinham irmãos a frequentar o ensino superior na época que estudavam;
- No grupo dos inscritos e a frequentar as aulas - 45,7% têm irmãos a frequentar o ensino superior e 54,3% não têm;
- Acontece quase o mesmo no grupo dos diplomados - 48% têm irmãos e 51,7% não têm.

Gráfico 23-Ter ou não irmãos no ensino superior



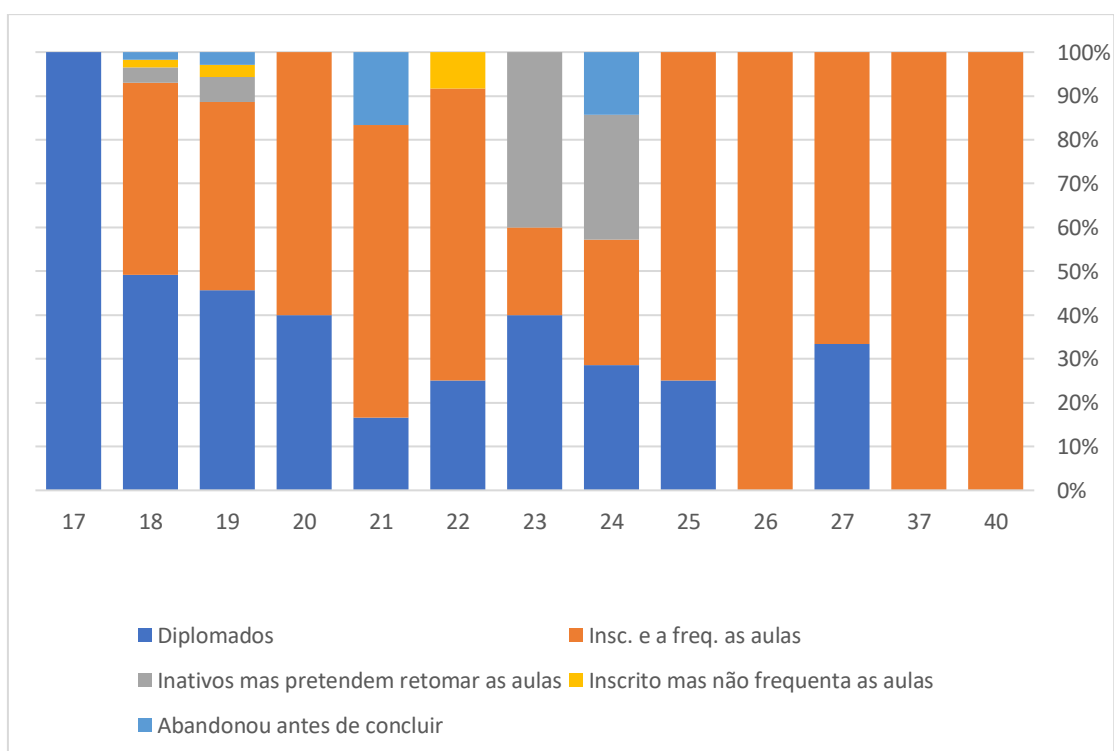
e) Idade no ingresso no ensino superior

Quanto à idade, podemos tirar da análise do Gráfico 24 algumas conclusões interessantes. Quem ingressou com 17 ou 25 ou mais anos, ainda não abandonou, já se diplomou ou continua a estudar. Provavelmente, os alunos mais velhos quando decidiram sair de Cabo Verde tinham maturidade suficiente para saber quais os objetivos que pretendiam alcançar com a matrícula no curso de licenciatura. Geralmente, quanto mais

velho é o aluno, maiores são as suas responsabilidades (família, trabalho, vida social) fora das instituições de ensino superior. Talvez, mesmo passando por dificuldades e tendo outras responsabilidades além da vida acadêmica, continuem focados nesses objetivos. Quanto aos alunos mais novos que continuam a estudar ou já se diplomaram, provavelmente, têm/tinham menos responsabilidades não acadêmicas e mais predisposição para se concentrarem nos estudos. Ou então, talvez ter resultados positivos durante o percurso acadêmico seja a responsabilidade principal na época que frequentam/frequentavam o ensino superior.

A idade que apresenta problemas maiores, surge no grupo que ingressou entre os 21 e os 24 anos. Até aos 21 anos, a percentagem dos que se diplomaram vai diminuindo. Talvez os estudantes nesta faixa etária durante a vida académica, principalmente no 1º ano, enfrentam/enfrentam vários problemas, incluindo a adaptação. Provavelmente não conseguiram (ou não se esforçaram para) resolver os problemas que tinham nas condições disponíveis na época. Tendo em conta que estes alunos estão/estavam longe da família, amigos, ou seja, da zona de conforto, os problemas enfrentados tomam dimensões maiores na cabeça destes alunos, levando ao seu (in)sucesso. Também Fiorani et al. (2011) e Montmarquette et al. (2001) apontam estes fatores como causas do abandono escolar.

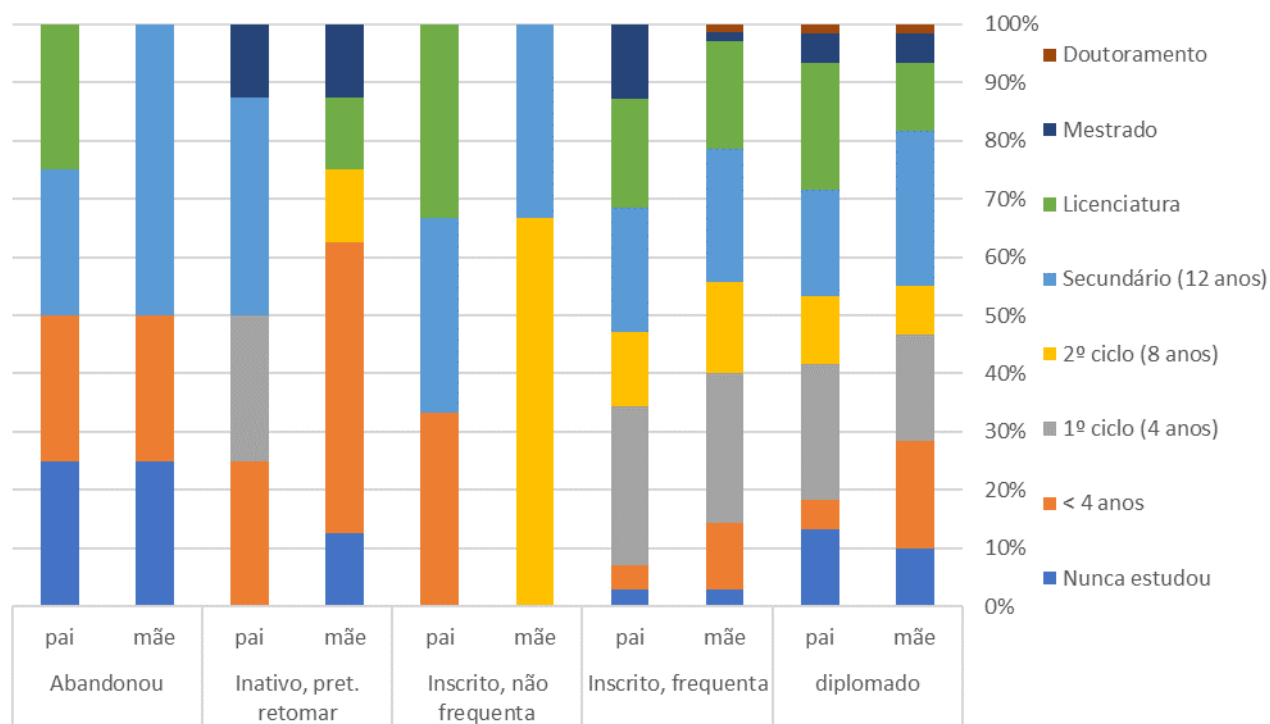
GRÁFICO 24-IDADE NO INGRESSO



f) Escolaridade dos pais

Outro fator que pensamos poder afetar o (in)sucesso dos alunos é a escolaridade dos pais. Como podemos ver no Gráfico 25, a maioria dos pais, de todos os grupos, não frequentaram o ensino secundário ou superior.

GRÁFICO 25-ESCOLARIDADE DOS PAIS



Talvez os pais, mesmo com níveis baixos de escolaridade, tenham incentivado os filhos a estudar - quanto mais longe chegarem, melhor. O estudo pode ser a única herança que podem deixar aos filhos e é também a única forma de fugir à pobreza (Seibert, 2013). Existem também algumas regularidades interessantes. Por exemplo:

- O grupo de alunos que abandonaram sem concluir têm uma maior percentagem de pais/mães que nunca estudaram;
- Este é também o grupo com menos pais/mães sem ensino superior;
- O grupo dos diplomados é o único onde se encontram pais e mães com doutoramento;
- As mães têm habitualmente menores habilitações, uma tendência que provavelmente se irá alterar, uma vez que como se referiu anteriormente, há desde há alguns anos mais mulheres diplomadas e com mais sucesso académico.

g) Distância entre residência e instituição de ensino superior

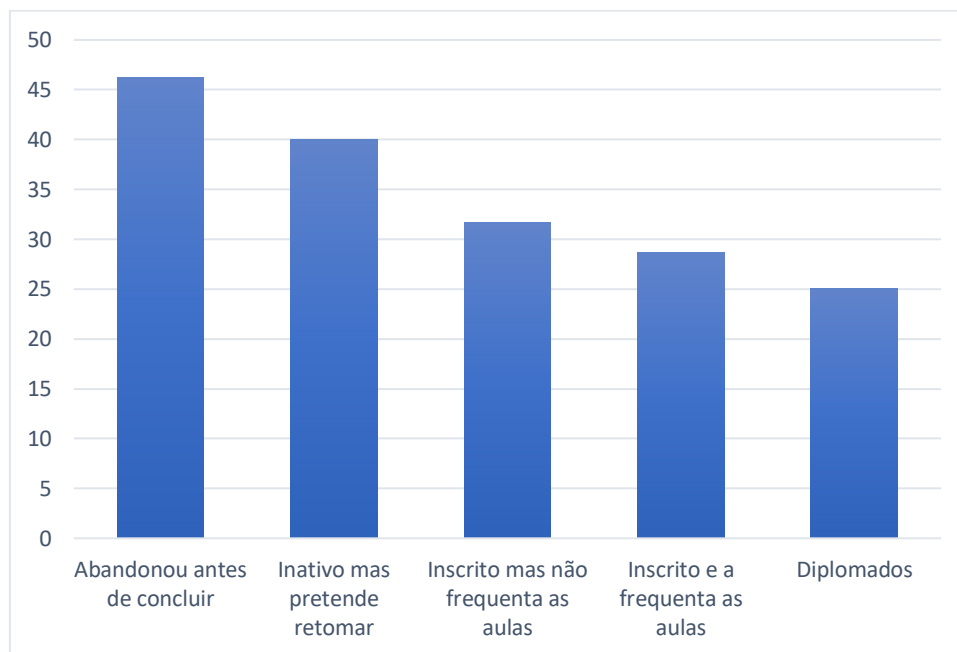
Em média os respondentes demoram meia hora ou mais no percurso entre a residência e o local de estudo. Se tivermos em conta que a maioria não tem carro, este percurso será feito a pé ou em transportes públicos. No caso dos alunos que frequentam instituições de ensino superior nas grandes cidades, pode haver dias de greve, atrasos ou grande afluência de pessoas e, dependendo das condições do clima, frio ou chuva. Fazer as deslocações em condições adversas custa mais.

De acordo com o Gráfico 26, os grupos de alunos que demoram/demoravam, em média, menos tempo neste percurso são os grupos com mais sucesso escolar. Vemos também que o tempo médio gasto por cada grupo é o seguinte:

- Grupo de alunos que abandonaram sem concluir - 46 minutos;
- Grupo de alunos inativos, mas que pretendem retomar - 40 minutos;
- Grupo dos inscritos que não frequentam as aulas - 32 minutos;
- Inscritos e a frequentar as aulas - 29 minutos;
- Diplomados - 25 minutos.

A localização da residência influencia o (in)sucesso no ensino superior quando é acompanhada de outras dificuldades. Esta é também uma das conclusões de Morassutti (2017), Amaral (2019), Au-Yong-Oliveira et al. (2017), Gitto et al. (2016) e Montmarquette et al. (2001), que defendem que a distância que os alunos têm que percorrer para chegar ao local de estudo é um dos fatores que desmotiva os alunos a continuar a sua vida académica.

GRÁFICO 26-TEMPO MÉDIO DA DESLOCAÇÃO (MINUTOS)

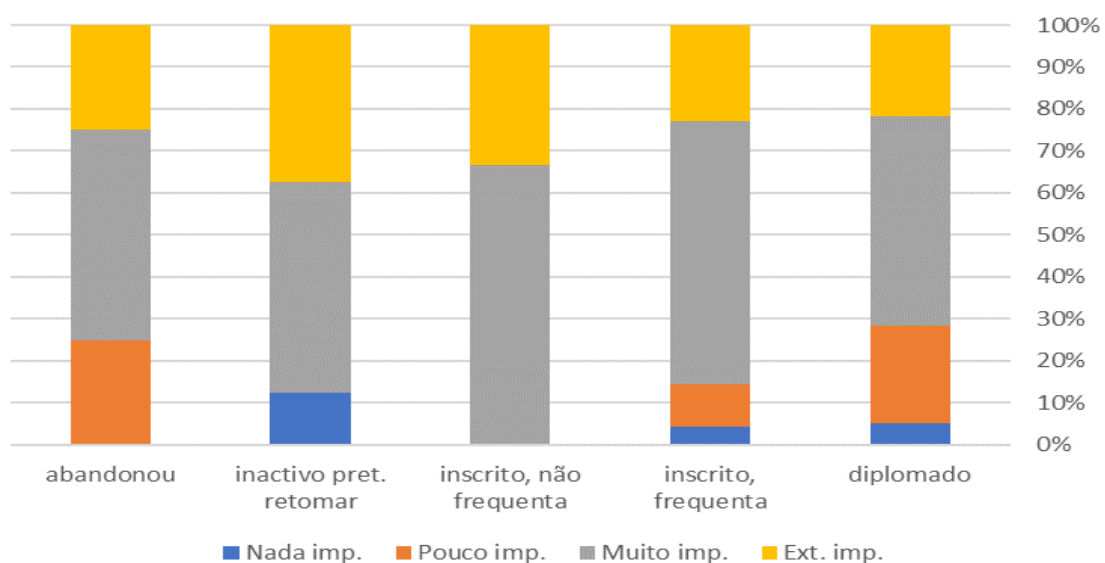


h) Relacionamento com professores e colegas

De acordo com o Diário de Notícias (2018), o amparo e ligação dos professores é uma das bases fundamentais para o combate ao abandono no ensino superior. Esta notícia indica que há necessidade de os professores trabalharem no sentido de melhorarem as suas relações com os alunos. Se os alunos tiverem mais afinidades com os professores, sentem-se mais confortáveis ao falar com eles sobre as suas dificuldades e conseqüentemente, sentem-se num ambiente escolar seguro e harmonioso (European Parliament, 2011).

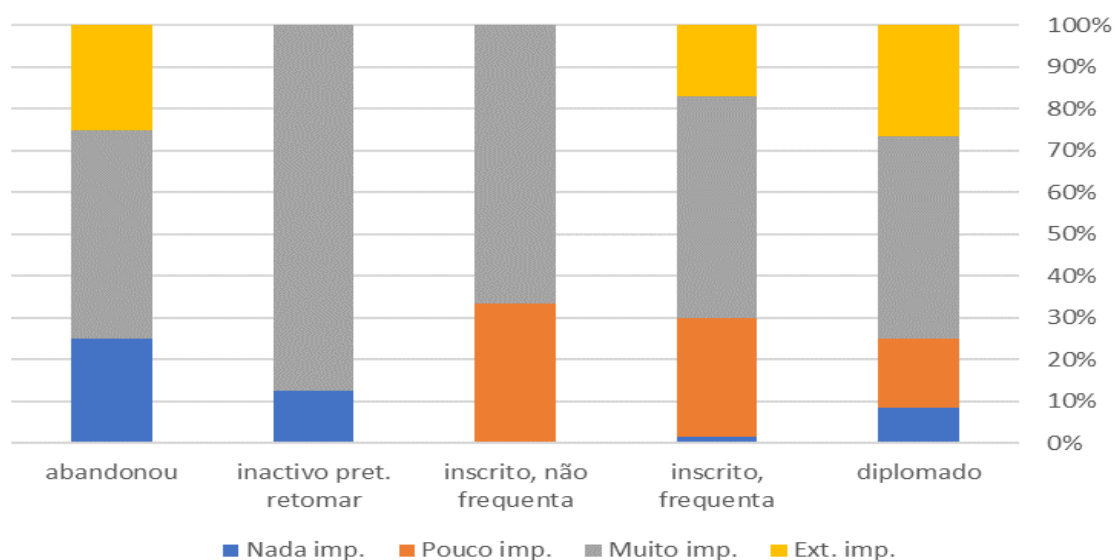
O Gráfico 27 mostra que, para os respondentes, o relacionamento com os professores é um fator relevante para o sucesso no percurso académico.

GRÁFICO 27-RELAÇÃO COM OS PROFESSORES



O relacionamento com os colegas também é relevante para os inquiridos, uma vez que, se tiverem um bom relacionamento com os colegas isso facilita a sua integração no ambiente académico, principalmente para os alunos cabo-verdianos, que vêm de outro país, onde deixaram os amigos e familiares (Gráfico 28).

GRÁFICO 28-RELAÇÃO COM OS COLEGAS



Criar laços com novas amigas faz com que os alunos se sintam apoiados na sua vida académica e na resolução dos problemas do dia a dia. Podem pedir ajuda aos colegas no

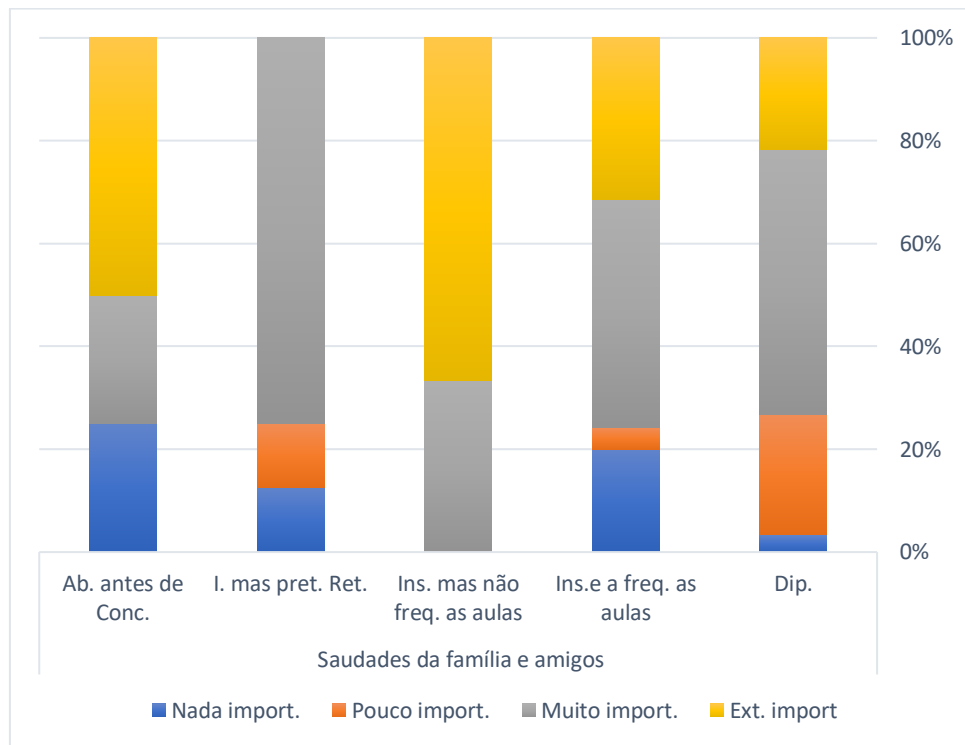
esclarecimento de qualquer dúvida quanto a procedimentos académicos, a matéria que já lecionada (no caso dos alunos que chegam tarde a Portugal), e também com a solidão e as saudades de “casa”. Esta conclusão está de acordo com Rodrigo (2009), Montmarquette (2001) e Seibert (2013), que mostram que o facto de os alunos não se sentirem integrados nas instituições, e com os colegas e professores, faz com que desistam do ensino.

A comparação entre os gráficos 27 e 28 mostra que a relação com os professores é considerada relativamente mais importante do que a relação com os colegas. Há mais respondentes a considerar a relação com os professores ‘extremamente importante’ e mais respondentes a considerar a relação com os colegas ‘nada importante’. O grupo dos estudantes já diplomados são, contudo, uma exceção. Para estes, a importância relativa dada à relação com os colegas é superior à atribuída à relação com os docentes.

i) Saudades da família e amigos

Quando os estudantes saem de Cabo Verde com o objetivo de continuarem os seus estudos, na esperança de um futuro melhor para si e talvez para a família, não tinham a ideia de como seria a nova fase da sua vida. Estando longe de casa, as saudades tornam-se um sentimento do dia a dia, que tende a agravar-se com o passar do tempo e o aparecimento dos problemas - já que se sentem sozinhos e desamparados. Por isso, para os estudantes cabo-verdianos, as saudades da família e dos amigos são relevantes para o (in)sucesso, como podemos constatar no Gráfico 29.

GRÁFICO 29-SAUDADES DA FAMÍLIA E AMIGOS



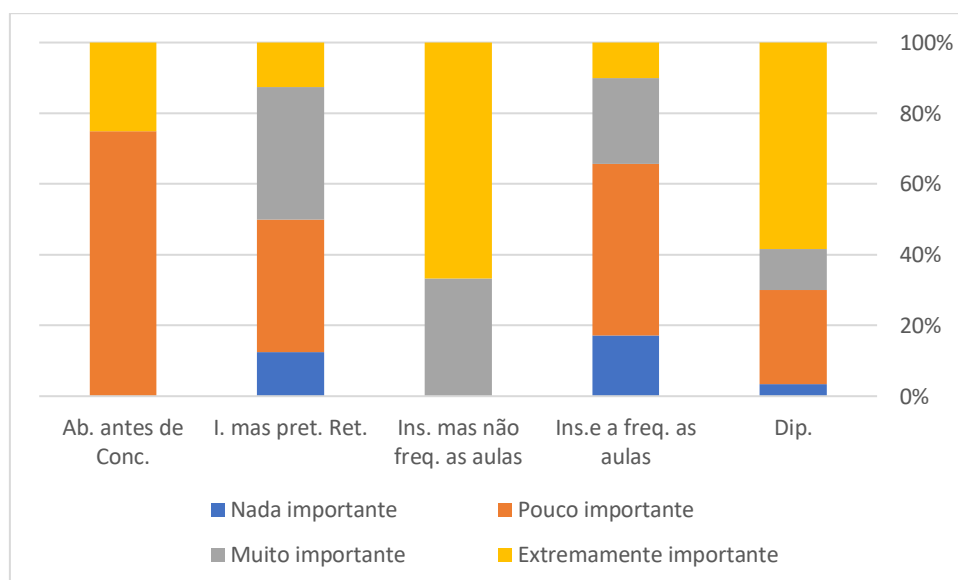
A distância leva muitas vezes à melancolia, pela lembrança, a tristeza, saudades e desejo de regresso. Neste processo, a solidão enfrentada é muitas vezes desanimadora. Estes sentimentos só se tornam mais suportáveis ou talvez superáveis/esquecidos no momento que os estudantes começam a sentir-se integrados na nova comunidade em que estão inseridos nessa nova face das suas vidas. Mas para que isso aconteça é necessário tempo, que muitas vezes parece não passar. Muitas vezes os alunos não têm paciência para fazer o percurso, o que pode levar ao abandono. Este fator piora se for acompanhado de outros problemas. Esta é também um fator que se reflete no desempenho dos estudantes analisados por Rodrigues (2009).

j) Diferente clima em Portugal

Apesar de este fator ser considerado relativamente menos importante para o conjunto dos respondentes, é interessante verificar que o grupo dos diplomados, que provavelmente já saíram de Portugal, dão uma importância muito maior ao clima por comparação com os outros grupos que ainda estão em Portugal (Gráfico 30).

Como foi referido anteriormente, a maioria dos alunos deslocam-se a pé ou de transportes públicos e essas deslocações podem tornar-se mais cansativas em função da temperatura ambiente no momento da deslocação. Os alunos precisam de tempo para reunir condições (roupas e acessórios para se protegerem do frio) e para se adaptarem. Essa adaptação é dificultada pelo facto de os alunos anteriormente viverem num país onde a temperatura oscila entre 19° a 25°C, no inverno, e terem que se adaptar a temperaturas que podem chegar a ser negativas. Este motivo também é indicado nos estudos de Seibert (2013) e de Aida et al. (2014).

GRÁFICO 30-DIFERENÇA DE CLIMA EM PORTUGAL

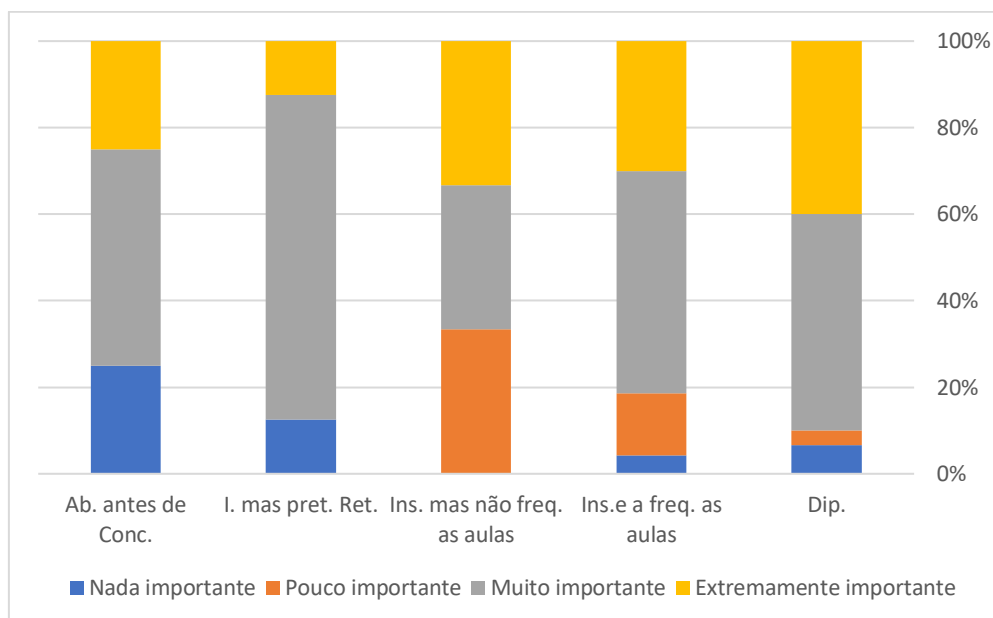


k) Problemas de saúde

Indiscutivelmente, este é um problema que, se for de média ou elevada gravidade, afeta os estudantes, como afeta quaisquer outras pessoas. Mas os problemas de saúde para os estudantes cabo-verdiano tendem a tomar uma dimensão mais preocupante, já que estão longe da família, que é quem geralmente cuida dos doentes. Se o estudante fica doente, a tendência é piorar ou então a recuperação ser mais lenta do que o normal, porque geralmente estão sozinhos, sem ninguém que cuide deles nesse momento de debilidade. O facto de estar doente, longe dos entes queridos, sem ninguém por perto para prestar cuidados, tende a agravar a situação, alterando o equilíbrio psicológico e levando o estudante ao estado de stress.

Como podemos observar no Gráfico 31, os respondentes dão a este fator muita importância para o (in)sucesso no ensino superior. Ou seja, quando eles não têm saúde, psicológica ou física, não têm disponibilidade para se empenharem nos estudos, nem conseguem concentrar-se nutras coisas.

GRÁFICO 31-PROBLEMAS DE SAÚDE



j) Má preparação do ensino secundário

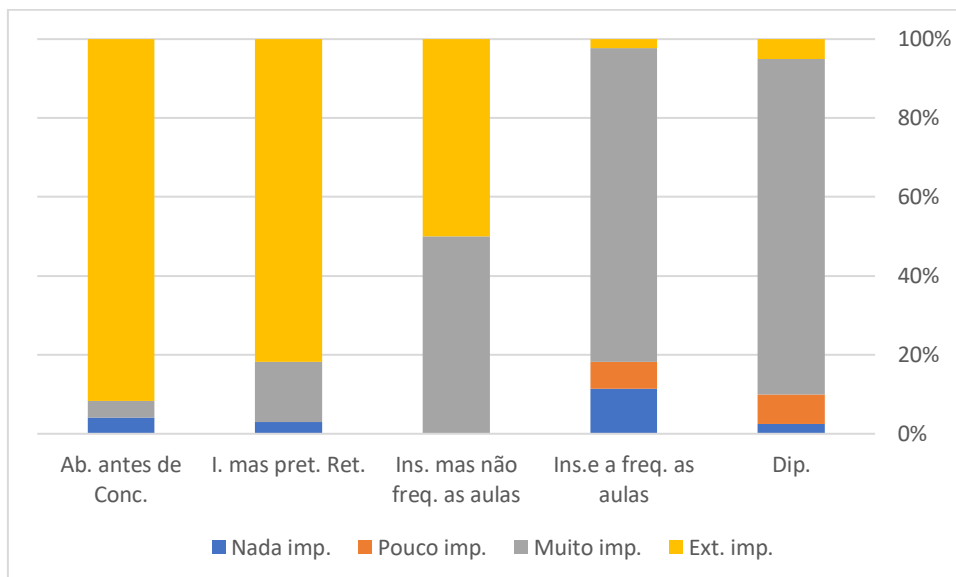
Os alunos de Cabo Verde vêm de um sistema de ensino diferente do de Portugal. Além do facto de as instituições escolares passarem por dificuldades que em Portugal são menores, como a falta de recursos: livros, materiais didáticos, condições dos edifícios, acesso à internet, materiais informáticos (Felicia, 2013).

Pelo facto de a maioria dos alunos cabo-verdianos não conseguirem pagar um explicador para os ajudar nas matérias em que têm dificuldades (e como já vimos, a maioria dos pais não tem habilitações que lhes permitam ajudar os filhos na compreensão das matérias que têm dificuldades), muitas vezes saem do ensino secundários mal preparados para enfrentar o ensino superior em Portugal.

Assim, da mesma forma que Gitto, et al. (2016) e Rodrigo (2009), também concluímos que este fator é bastante relevante no (in)sucesso no ensino superior. Quem era bom aluno no ensino secundário, tende a continuar a esforçar-se e a dedicar-se no ensino superior.

Mas, se há dificuldades nas matérias, se já não se era um aluno dedicado e esforçado antes, a tendência é para também haver algum desleixo no ensino superior, já que não têm ninguém (pais ou familiares) por perto para supervisionar os seus estudos. Podemos no Gráfico 19 como este fator é relevante para os alunos das diferentes categorias.

GRÁFICO 32-MÁ PREPARAÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO

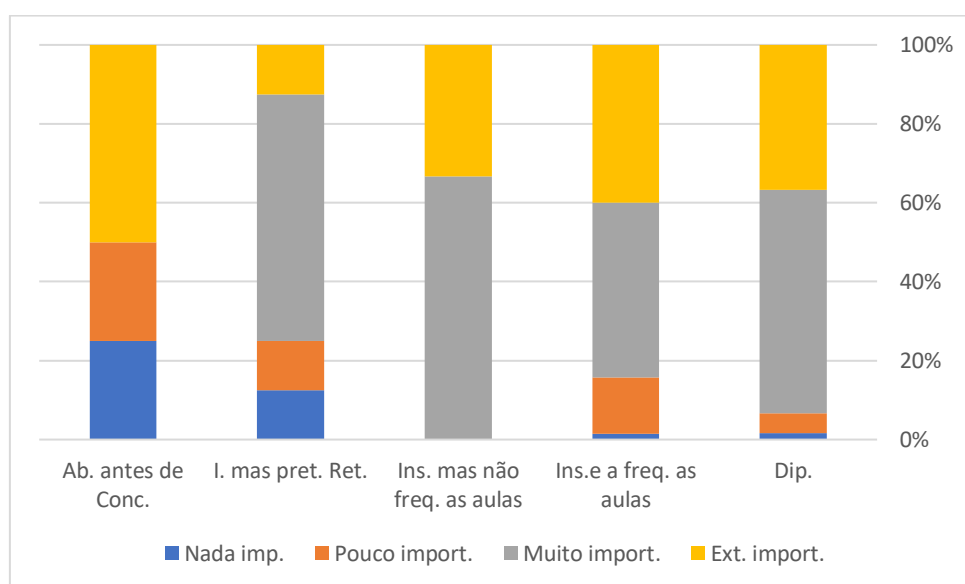


k) Dificuldade das matérias do curso

Como já vimos, a má preparação no ensino secundário dos alunos cabo-verdianos e a sua chegada tardia a Portugal, acompanhada da falta de supervisão dos pais, e do stress que resulta dos problemas que têm que enfrentar na nova fase da vida (problemas financeiros, de adaptação, estar longe da família e amigos), faz muitas vezes com que estes alunos não consigam acompanhar os conteúdos lecionados nas licenciaturas, levando-os a ficar desmotivados com os estudos e influenciando os seu (in)sucesso no percurso académico.

Estas dificuldades tendem a agravar-se porque os alunos, para saírem de Cabo Verde, têm que passar por um processo de pedido de visto que é moroso. Assim, geralmente, quando chegam em Portugal, as aulas já começaram há alguns meses. Perdem muita matéria com esse atraso e geralmente é difícil recuperar (Rodrigues, 2009). Para os respondentes, este fator é relevante para o abandono (Gráfico 33). Esta também foi uma das conclusões de Au-Yong-Oliveira (2017) e Can et al. (2017).

GRÁFICO 33-DIFICULDADES NAS MATÉRIAS DO CURSO



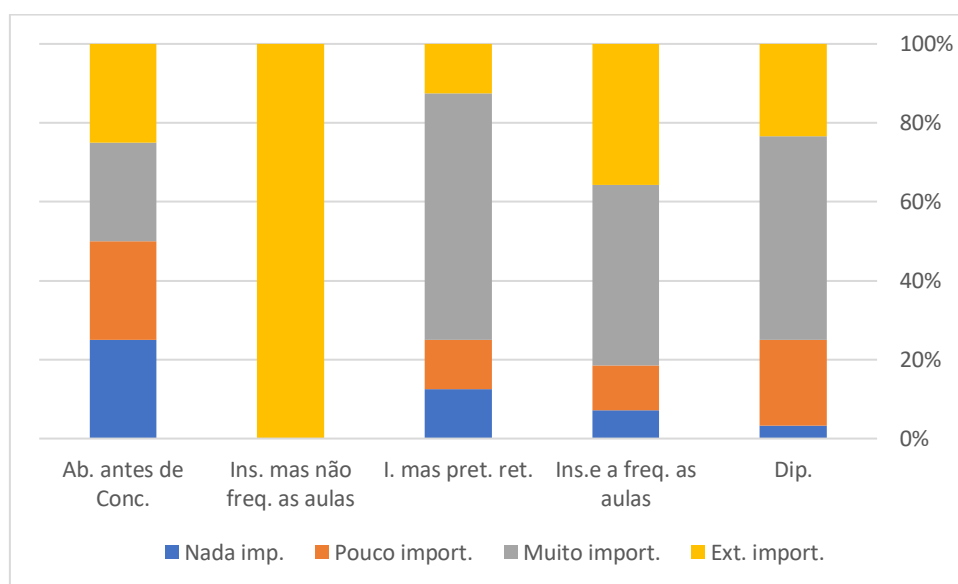
1) Insatisfação com o curso ou com a Universidade/Instituto Politécnico

Este problema geralmente surge pelo facto de os alunos frequentarem um curso que não foi a sua primeira escolha, ou então porque escolheram o curso com base em opiniões de terceiros e, quando começam a frequentar as aulas, vêm que o curso não corresponde às suas expectativas/ideais. Isto faz com que os alunos percam o interesse no curso, na vida académica e na instituição que frequentam. Este facto é geralmente agravado se não entendem o funcionamento dos procedimentos académicos, como prazos, processos documentais, decisões administrativas e regulamentos.

Pela análise dos dados percebemos que nas instituições públicas há uma maior percentagem (78,3%) de respondentes que considera a insatisfação com o curso ou instituição muito ou extremamente importante para o desempenho académico (acima dos 71,4 nas instituições de ensino superior privadas). Por outro lado, são os respondentes das universidades que consideram esta insatisfação com o curso ou instituição mais importante (80,4%), por comparação com os estudantes que frequentam ou frequentaram instituições politécnicas (72,1%). Isto apesar de serem os alunos que saem das instituições politécnicas, segundo os dados do Infocursos (2016), que têm menos possibilidades de empregabilidade relativamente aos das instituições universitárias. A justificação pode ser o facto de essas instituições se encontrarem maioritariamente no interior, ou seja, estão localizadas em zonas com menos oportunidades- expecto, os institutos politécnicos de

Lisboa e Setúbal. Nas instituições que estão bem posicionados no ranking da empregabilidade é difícil conseguir uma vaga, pela elevada procura (Infocursos, 2016). Como podemos ver no Gráfico 34, este fator é relevante para as diferentes categorias de respondentes, em linha com Au-Yong-Oliveira et al. (2017), Amaral (2019), Rodriguez et al. (2012) e Benatti (2017).

GRÁFICO 34-INSATISFAÇÃO COM O CURSO



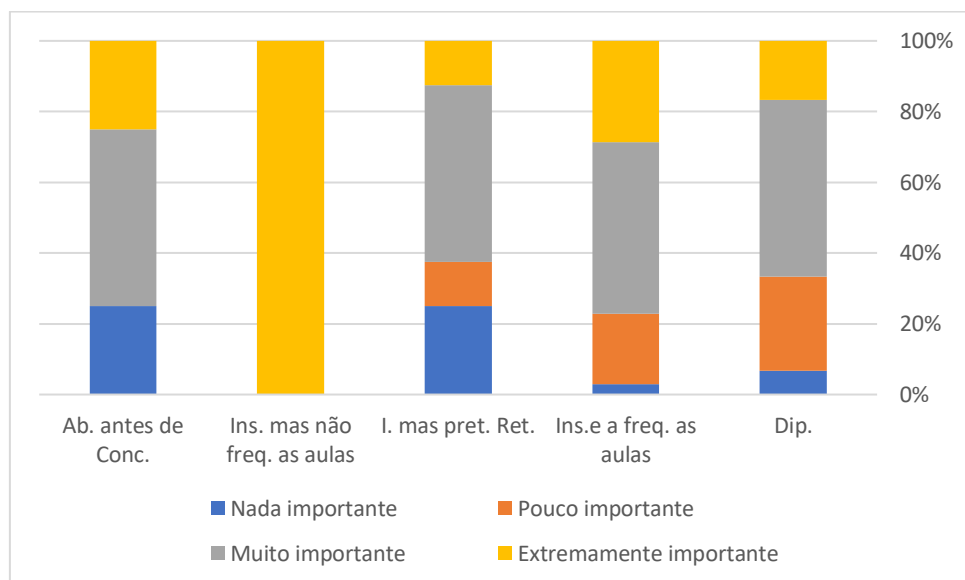
m) Dificuldades em organizar-se longe da família

Como já foi dito, quando vêm estudar para Portugal, talvez seja a primeira vez que estes alunos saem de Cabo Verde. Esta saída, muitas vezes, é mais difícil porque vem acompanhada de muitas responsabilidades e necessidades que não conseguiam antecipar, ou relativamente às quais não estavam informados (como tratar da documentação para o processo de legalização da sua residência em Portugal, prazos para procedimentos académicos, candidaturas a bolsas). Além disso, têm as responsabilidades do dia a dia, como decidir o que podem ou não comprar no supermercado, tratar da casa, das roupas, das contas, confecionar refeições. Tudo isto era anteriormente resolvido pelos pais/familiares, ou com a sua ajuda. Também Rodrigues (2009) indica que a dificuldade na gestão das contas e a preparação das refeições é um dos fatores que afetava os

estudantes no desempenho acadêmico (não terem cantina no fim de semana era mais uma preocupação para os estudantes).

Para a maioria dos alunos que ainda não têm maturidade suficiente, ou para quem não tem alguém por perto para ajudar a resolver os problemas que surgem todos de uma vez, estas questões podem tornar-se num fator de stress e de (in)sucesso no ensino superior. Para os inquiridos das diferentes categorias este fator é relevante para o (in)sucesso no ensino superior. É extremamente relevante para o grupo dos inscritos, que não frequenta as aulas, como podemos verificar no Gráfico 35.

GRÁFICO 35-DIFICULDADES DE ORGANIZAR-SE LONGE DA FAMÍLIA



5. Conclusões

A elaboração deste estudo foi de extrema importância para todos os intervenientes, ligados, direta ou indiretamente, a instituições do ensino superior portuguesas que recebem os alunos oriundos de Cabo Verde. A revisão da literatura sugere que, dependendo do lugar, curso, instituição ou grupo de alunos escolhido para basear a pesquisa, as causas do abandono podem alterar-se.

Para traçar o perfil dos alunos e identificar as causas do (in)sucesso no ensino superior, primeiro fez-se o filtro e tratamento da base de dados da DGEEC e depois elaborou-se um questionário, com o objetivo de identificar as causas específicas do abandono do ensino superior por estudantes cabo-verdianos em Portugal.

Pelo facto de os dados estarem todos misturados (alunos nacionais e estrangeiros) a recolha das informações necessárias foi mais difícil do que se imaginou, ou seja, para obter as informações de que precisávamos, tivemos que filtrar a base e fazer o tratamento dos dados disponíveis, o que foi trabalhoso e morosa.

Inicialmente, pensou-se elaborar o estudo com base numa metodologia mista, quantitativa e qualitativa. Para pôr em prática este plano, contactamos a DGEEC, para requisitar a disponibilização dos micro-dados necessários que nos permitisse a estimação de um modelo econométrico (metodologia quantitativa). Neste contacto informaram-nos que o acesso a estes micro-dados não seria possível, uma vez que o disposto na lei nº 58/2019 de 08 de agosto, de proteção de dados, não permitia que tais dados fossem fornecidos. Assim, tivemos que mudar os planos, e desenvolvemos a investigação apenas com base na abordagem metodológica qualitativa (questionário).

O questionário, *Percurso no Ensino Superior dos Alunos de Cabo Verde em Portugal*, é composto por 32 perguntas, divididas por cinco secções e temas: caracterização, situação no ensino superior, situação socioeconómica familiar, fontes de rendimento durante a frequência do ensino superior, tempo gasto com o percurso entre a residência e o local de estudo, e fatores para o (in)sucesso universitário e respetiva importância.

O recrutamento de respondentes - estudantes ou ex-estudantes - para o questionário foi feita com recursos às redes sociais: Facebook, WhatsApp, Instagram e email. Este processo revelou-se mais difícil do que o antecipado (no caso dos que

anteriormente não tinham nenhum contacto com pesquisadora) uma vez que os meios utilizados para aplicação do inquérito não são atualmente considerados muito seguros. Alguns alunos que foram contactados ficaram com receio que o link do questionário fosse vírus ou link de *hacking* para ter acesso as informações no computador no computador pessoal. A aplicação do questionário foi feita entre os meses de junho e novembro de 2022 através da plataforma Google Formulários.

A análise e tratamento dos dados da DGEEC sugerem que cerca de 90% dos alunos que saem de Cabo Verde com o intuito de fazer um curso de licenciatura em instituições portuguesas não chegam ao fim do percurso. Esta realidade é preocupante e inquietante, porque parte-se do princípio que os estudantes, quando decidem sair do seu país e partir para longe de tudo o que amam e lhes transmite segurança, é para terminarem o percurso académico que lhes permitirá realizar os projetos e sonhos. Contudo, quando chegam a Portugal, boa parte acaba por sair prematuramente do curso onde estavam inscritos. Perante esta situação, perguntamos quais os motivos que levam a essa decisão de desistir e a não se empenharem na melhoria/ aumento do nível académico, e consequentemente na melhoria do nível de vida. Essa curiosidade e preocupação aumenta pelo facto de estes alunos serem oriundos de um país sem recursos naturais e em desenvolvimento, em que a educação é o melhor meio para vencer a pobreza e melhorar o nível de vida pessoal e familiar.

Esta dissertação conclui que as principais causas associadas ao insucesso académico são de natureza financeira e pedagógica. As dificuldades financeiras no pagamento de despesas essenciais são consequência da insuficiência das quantias enviadas pelos pais e familiares para a totalidade das despesas e também do pagamento tardio das bolsas de estudo. Na parte pedagógica, é importante a insuficiente preparação prévia no ensino secundário, que agrava as dificuldades sentidas com os conteúdos curriculares dos cursos.

Os fatores identificados como irrelevantes para o sucesso durante o percurso académico são de natureza social. Por exemplo, o relacionamento com colegas e professores, saudades e dificuldade de adaptação longe da família, e a adaptação a um clima diferente.

Identificadas as causas do insucesso académico dos cabo-verdianos, é necessário desenvolver políticas eficazes, direcionadas especificamente para estes alunos, não

esquecendo as suas características individuais e culturais. Para quê apoiar e trabalhar na prevenção do insucesso académico no ensino superior destes estudantes? Para prevenir e diminuir a taxa de abandono, que tem que ser uma preocupação de todos os intervenientes ligados direta ou indiretamente às instituições de ensino superior. Só assim conseguiremos motivar estes alunos e mostrar-lhes que ir até ao fim na escolha que fizeram de continuar os estudos em Portugal não é sorte reservada apenas a alguns. Porque é com a melhoria da sua formação académica que terão a possibilidade de melhorar as condições e o nível de vida deles e da família.

No futuro, consideramos alargar a investigação desenvolvida esta dissertação para abranger todos os níveis de cursos de ensino superior, com o objetivo de perceber em quais há taxas mais elevadas de desistência e confirmar se as razões são as mesmas que identificámos para as licenciaturas.

6. Referências Bibliográficas

Afonso, O. (2018). Universidade pública versus universidade privada, jornal *Público*, 5 de março de 2018.

Aina, C., Baici, E., Casalone, G., & Pastore, F. (2022). *The determinants of university dropout: A review of the socio-economic literature*. *Socio-Economic Planning Sciences*, Vol. 79(C).

Aina, C., Baici, E., Casalone, G., e Pastore, F. (2021). *The economics of university dropouts and delayed graduation: a survey*. IZA Discussion Paper 11421.

Amaral, R. T. (2019). *O abandono do ensino superior em Portugal: uma abordagem empírica*, Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa.

Arroteia, J. C. (2008). *Educação e desenvolvimento: fundamentos e conceitos*. UA Editora, Aveiro.

Astin, A. W. (1972). *College dropouts: a national profile*. Office of the American Council on Education, Research Report. 7 (1).

Au-Yong-Oliveira, M., Vitória, A., Silva, C., Carlos, V., Moutinho, V., Moreira, G., & Dias, G. P. (2017). *Higher education and the problem of abandonment: How can we keep students from leaving? INTED Proceedings*, pp. 7288-7298.

Bean, J. P. (1980). *Dropouts and turnover: The synthesis and test of a causal model of student attrition*. *Research in Higher Education*, 12, 155-187.

Benatti, V. P. (2017). *Dificuldades de permanência na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: a realidade do estudante pobre e negro na unidade universitária de Dourados*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Grande Dourados.

Benavente, A, J. Campiche, Seabra, T. e Sebastião, J. (1994). *Renunciar à escola: o abandono escolar no ensino básico*. Editora Fim de Século. Coleção: A aprendizagem para além da escola.

Cabrera, L., Bethencourt, J. T., Pérez, A. P., e Afonso, M. G. ((2006). *El problema del abandono de los estudios universitarios. RELIEVE-Revista Electrónica de Investigación y Evaluación Educativa*, 12(2).

Cabrita, M. F. (2007). *Causas do abandono escolar de adultos em contexto de formação: um estudo de caso múltiplo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Algarve.

Can, E., Aktas, F. O., & Arpacioğlu, I. T. (2017). *The reasons of school dropouts in higher education: Babaeski Vocational College case*. *Universal Journal of Educational Research*, 5(12A), 84-88.

Casanova, J. R. (2018). *Abandono do ensino superior: métodos teóricos, evidências empíricas e medidas de intervenção*. *Educação: Teoria e Prática*, 28 (57). 5-22.

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (2018). *Percurso no ensino superior: situação após quatro anos dos alunos inscritos em licenciaturas de três anos*.

Conde. (2021). *Universitário e politécnica: mais semelhanças ou menos diferenças?*

Diário de Notícias, 15 de Julho. Disponível em:

<https://www.dn.pt/opiniao/universitario-e-politecnico-mais-semelhancas-ou-mais-diferencas-13938550.html>

Costa, A. M. B. (1999). *Uma educação inclusiva a partir da escola que temos. Uma educação inclusiva a partir da escola que temos*, Conselho Nacional de Educação, pp. 25-36.

Costa, R., Infante, P., Centeno, C., Lobo, A. S., Cristóvão, D., Castor, M. B., & Pardal, L. (2015). *Abandono Escolar no Ensino Superior: Estudo de caso na Universidade de Évora*. Disponível em: http://www.uevora.pt/media_informacoes/e-Books

Diário de Notícias (2017). Portugal tem a quarta taxa de abandono escolar mais elevada da UE. 26 de Abril. Disponível em <https://www.dn.pt/sociedade/portugal-tem-a-quarta-taxa-de-abandono-escolar-mais-elevada-da-ue---eurostat-6244999.html>

Diário de Notícias (2017). Mulheres chefiam maioria das famílias monoparentais em Cabo Verde. 15 de Maio. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/mulheres-chefiam-maioria-das-familias-monoparentais-em-cabo-verde-8477694.html>

Diário de Notícias (2018). Envolvimento dos professores ajuda a combater abandono escolar precoce. 30 de Janeiro. Disponível em: <https://www.dn.pt/lusa/envolvimento-dos-professores-ajuda-a-combater-abandono-escolar-precoce---estudo-9085052.html>

Doron, R., & Parot, F. (2001). «Inteligência», Dicionário de Psicologia. Lisboa, Climepsi Editores, 430-432.

Dos Santos, J. R., Mendes, M. F., Magalhães, M. D., e Rego, C. (2009). *Imigrantes cabo-verdianos em Portugal: Integração e sua percepção em relação aos portugueses; primeiro congresso de desenvolvimento regional de Cabo Verde*. 15º congresso do APDR. Cabo Verde.

Enguita, M. F. (2011). *Del desapego al desenganche y de èste al fracaso*. Revista de Sociología de la Educación, 4(3), 255-269.

European Parliament. (2011). Reducing early school leaving in the EU. Disponível em: https://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/etudes/join/2011/460048/IPOL-CULT_ET%282011%29460048%28SUM01%29_EN.pdf

Comissão Europeia. (2020). *Semestre europeu e ficha temática: Jovens que abandonam precocemente a escola*.

Eurydice (2016). Combate ao Abandono Precoce na Educação e Formação na Europa. Documento Síntese Eurydice. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia.

Faria, D. S. (2014). *O PROEJA, ensino médio no IFRN-campus Caicó: causas da desistência e motivos da permanência*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Fernandes, N., & Carvalho, P. (2014). *Território, População e Desenvolvimento em Cabo Verde*. Desarrollo Local Sostenible, 7 (18).

Ferreira, F., & Fernandes, P. (2015). *Fatores que afetaram o abandono no ensino superior e iniciativas para a sua prevenção: O olhar de estudantes*. Educação, Sociedade & Culturas, (45), 177-197.

Fiorani, L. A., Lopes, M. P., & Nakão, O. (2011). *Evasão na engenharia civil da escola politécnica da USP: o que pensam os alunos e professores*. XXXIX Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia.

Disponível em:

<http://www.abenge.org.br/cobenge/legado/arquivos/8/sexoestec/art1935.pdf>

Gaioso, N. P. (2005). *Evasão discente na educação superior: a perspectiva dos dirigentes e dos alunos*. Revista Cocar. Belém, 7 (14), pp. 82-89.

Garcia, J. L. (2000). *Estranhos, juventude e dinâmicas de exclusão social em Lisboa*. Celta.

Gitto, L. F. L. (2015). *Abandono universitário na Itália: as características do lado da oferta são parte do problema*. Economic Analysis and Policy, 49, pp. 108-116.

Gomes, F. (2011). *A desistência dos alunos em física no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologias do Rio Grande do Norte: causas e sugestões para combate*. U. F. Norte Editoras.

Gómez, D. R., Feixas, M., Gairian, J., e Munoz, M. L. (2012). *Compreendendo o abandono da universidade Catalan a partir de uma abordagem comparativa*. Catalunha: J. S. Editores.

Infocursos (2016). Politécnicas pontuam pior em termos de empregabilidade <https://infocursos.medu.pt/>.

Instituto Europeu para a Igualdade de Género (2022). Pequim+20: A Plataforma de Ação de Pequim (PAP), União Europeia Área B: *Educação e formação das mulheres*. Disponível em: file:///C:/Users/impvv/Downloads/b_mh0415022ptc-1.pdf

Iturra, R. (1990). *A construção social do insucesso escolar: memória e aprendizagem em Vila Ruiva*. UAb Lisboa.

Diário da República (2019). *Lei n°58/2019 de 8 de agosto*. Diário República n°151/2019, série I de 08/08/2019).

Lopes, M. I. (2019). *Abandono escolar ni ensino superior: levantamento das ocorrências no Instituto Politécnico de Bragança e análises dos factores concorrentes*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Bragança.

Lourenço, A. R. (2013). *Motivações na origem do abandono escolar: estudo de caso com jovens sinalizados na CPCJ de Castelo Branco*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Castelo Branco.

McCubbin, I. (2003). *An examination of criticisms made of Tinto's 1975 student integration model of attrition*. Disponível em:

<https://www.psy.gla.ac.uk/~steve/localed/icubb.pdf>

Ministério da Educação e Desporto (2011). *Relatório do Estado do Sistema Educativo Nacional (RESEN) Cabo Verde*. Ministério da Educação e Desporto-Direcção Geral de Planeamento, Orçamento e Gestão Serviço de Estudos, Planeamento e Cooperação. Disponível em: <https://dakar.iiep.unesco.org/sites/default/files/2021-09/resen2011.pdf>

Montmarquette, C., Mahseredjian, S., & Houle, R. (2001). *The determinants of university dropouts: a bivariate probability model with sample selection*. *Economics of education review*, 20(5), 475-484.

Oliveira, A. M. (2009). *O regresso à escola de alunos em abandono escolar: contributo de um programa integrado de educação e formação*. Dissertação de Mestrado, Universidade Portucalense.

Oliveira, T. (2013). Saiba porque os alunos escolhem uma universidade privada. *Jorbal Expresso*, 1 de Agosto. Disponível em:

<https://expresso.pt/queroestudarmelhor/qemnoticias/saiba-porque-os-alunos-escolhem-uma-universidade-privada=f823692>

Pereira, J. M. G. (2019). *Integração Académica, Social e Cultural dos Estudantes Cabo-Verdianos na Cidade de Bragança*. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Bragança.

Ribeiro, A. P. F., Silvestre, C. H., Santos, D. D., Cunha, D. C., Lima, F., Gonçalves, G., & António, O. P. (2008). *Relatório à comissão de graduação do Instituto de Física: um estudo da evasão no curso de graduação em Física da Universidade de Brasília*. Instituto de Física: Programa de educação tutorial.

Rodrigues, A. A. (2009). *O desempenho dos estudantes cabo-verdianos nos cursos de formação profissional em Portugal: Estudo de algumas variáveis explicativas*. Dissertação de Mestrado, ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida.

Rodríguez-Gómez, D., Feixas, M., Gairín, J., & Muñoz, JL (2012). *Comprender o abandono da universidade Catalã a partir de uma abordagem comparativa*. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 46, pp. 1424-1429.

RTP Notícias (2022a). Cabo Verde tinha 491 233 residentes em 2021. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/economia/ine-cabo-verde-tinha-491233-residentes-em-2021_n1396288.

RTP Notícias (2022b). Covid-19. *Cabo Verde regista mais uma morte quase quatro meses depois*. Disponível em: https://www.rtp.pt/noticias/covid-19/covid-19-cabo-verde-regista-mais-uma-morte-quase-quatro-meses-depois_n1448082

Santos, S. (2010). *Um olhar sobre o abandono escolar no concelho da Trofa*. Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa.

Seibert, G. (2013). *Cabo Verde e São Tomé e Príncipe: ensino superior e trajetórias em Portugal*. II Coopedu–África e o Mundo (Livro de Atas), pp. 282-308.

Tinto, V. (1975). *Dropout from Higher Education: A Theoretical Synthesis of Recent Research*. *Review of Educational Research*, 45, 89-125.

Tinto, V. (2005). *From theory to action: Exploring the institutional conditions for student*. In J.C. Smart (ed.), *Higher Education: Handbook of Theory and Research* 25.

Vasconcelos, R. S. M., Almeida, L., & Monteiro, S. (2009). *O insucesso e abandono académico na universidade: uma análise sobre os cursos de engenharia*. *International Conference on Engineering and Computer Education (ICECE)* pp. 457-461..

Zhai, L., & Monzon, R. (2001). *Community College Student Retention: Student Characteristics and Withdrawal Reasons*. Annual Meeting of the California Association for Institutional Research.

7. Anexos

Caraterização do universo dos alunos de Cabo Verde (DGEEC)

A.1 – Alunos Inscritos e Diplomados (totais)

	Inscritos			Diplomados	
	F	M	Total	F	M
2015-2016	971	736	1707	111	73
2016-2017	1052	775	1827	115	77
2017-2018	1127	834	1961	123	75
2018-2019	1322	994	2316	127	58
2019-2020	1671	1285	2956	118	95
2020-2021	1927	1364	3291	152	72

A.2 – Inscritos e diplomados por tipo de estabelecimento de ensino (totais)

Ano(s)	Inscrições		Diplomados	
	Politécnico	Universitário	Politécnico	Universitária
2015/2016	990	717	110	74
2016/2017	1193	634	109	83
2017/2018	1407	554	106	92
2018/2019	1775	541	120	65
2019/2020	2099	857	159	54
2020/2021	2188	1103	167	57

A.3 - Áreas preferidas - dados da DGEEC

2015		15/16	16/17	17/18	18/19	19/20	20/21
01-Educação(igual aos outros anos)	01-Educação	12	19	24	42	54	59
02-Artes e humanidades(igual aos outros anos);	02-Artes e humanidades	108	130	152	216	263	313
03-Ciências sociais, comunicação e direito;	03-Ciências sociais, jornalismo e informação;	708	137	113	107	207	316
	04-Ciências empresariais;		540	544	588	698	746
04-Ciências, Matemática e informática;	05-Ciências naturais, matemática e estatística;	148	80	81	99	142	175
	06- Tecnologia da informação e comunicação(TICs);		67	81	113	132	125
05-Engenharia, Indústrias transformadoras e construção;	07-Engenharia, indústrias transformadoras e construção	410	464	489	568	720	771
06-Agricultura;	08-Agricultura, silvicultura, pesca e ciências veterinárias;	14	21	23	35	61	90
07-Saúde e proteção social;	09-Saúde e proteção social	216	289	345	409	477	495
08-Serviços	10-Serviços.	91	80	109	139	202	201
Total		1707	1827	1961	2316	2956	3291

A.4 - Inscrições por estabelecimento de ensino (totais)

	média 2015- 21	Ano					
		2015/16	2016/17	2017/18	2018/19	2019/20	2020/21
I.P. Bragança	709,3	305	461	603	952	950	985
I.P. Castelo Branco	145,5	47	98	186	180	170	192
I.P. Lisboa	130,2	146	150	127	112	112	134
U. Lisboa	126,0	136	119	111	119	129	142
U. Évora	109,2	16	18	39	64	181	337
I.P. Coimbra	102,2	84	77	80	86	147	139
I.P. Guarda	78,2	30	42	56	75	178	88
I.P. Porto	77,8	83	71	78	80	79	76
I.P. Beja	63,5	10	18	47	53	125	128
U. Lusófona	50,2	84	80	47	38	25	27
I.U. Maia-ISMAI	48,7	2	31	31	21	102	105
ISCTE	46,7	53	41	36	42	41	67
U. Beira Interior	46,2	20	24	23	29	66	115
U. Nova Lisboa	44,5	0	59	56	42	51	59
I.P. Setúbal	43,0	50	44	43	43	41	37
U. Cat. Portuguesa	41,8	70	49	37	19	44	32
U. Aberta	38,2	65	42	32	26	37	27
I.P. Viana do Castelo	37,5	22	27	29	27	57	63
I.P. Leiria	36,8	43	43	29	28	37	41
U. Aveiro	35,0	34	33	31	34	40	38
U. Coimbra	29,8	25	28	28	27	30	41
U. Algarve	29,7	37	35	27	29	25	25
U. Porto	23,5	19	18	19	24	28	33
E.S. Náutica Inf. D. Henrique	21,2	20	24	19	17	23	24
I.P. de Portalegre	19,3	4	5	3	2	29	73
I.P. do Cávado e Ave	19,2	8	11	10	10	26	50
Univ. do Minho	15,7	17	11	10	16	22	18
I.P. de Viseu	14,3	16	12	7	3	7	41
I. S. de P. Brandão	11,2	4	13	16	18	10	6
I. S. de Emp. e do Turis.	10,0	25	17	6	6	3	3
U. Port. Inf. D. Henrique	10,0	0	17	11	8	13	11
U. da Lusófona de Lisboa	9,5	57	0	0	0	0	0
U. A. de Lis. L. de Camões	9,3	10	10	12	7	10	7
I.P. de Tomar	9,0	15	11	7	8	7	6
ISCEC Lisboa	9,0	0	10	10	11	13	10
I. P. de Maia	7,5	0	0	1	0	17	27
U. da Lusófona do Porto	7,5	13	14	10	2	4	2
U. de Trás-os- M. e A. Douro	6,5	9	7	3	4	8	8
U. da Europeia	5,7	9	8	2	6	4	5

I. S.T. A. De Lisboa	4,3	26	0	0	0	0	0
I.P. de Santarém	3,8	9	4	3	3	2	2
E.S. de Enf. Coimbra	3,7	4	4	5	4	2	3
U. da Madeira	3,5	3	3	2	2	5	6
U. de P. Infante	3,5	21	0	0	0	0	0
E. S. de Neg. Atlântico	3,2	0	0	1	5	7	6
I. S. de Est. Int. e Trans. Almada	2,8	2	1	2	2	6	4
E.S. de Cruz Ver. Portuguesa	2,7	1	1	4	4	3	3
U. da Lusíada	2,7	7	5	1	0	1	2
U. dos Açores	2,5	0	0	1	1	7	6
U. Atlântica	2,3	8	6	0	0	0	0
ISLA-Ins.Pol. De Gest. Tec.	2,0	3	2	1	3	1	2
Atlântica Inst. Univ.	1,5	0	0	4	2	1	2
I.P. de Jean Piaget do Sul	1,5	0	0	0	0	6	3
I. S. de Educ . E Ciên.	1,3	8	0	0	0	0	0
I. S.M. T. Gomes	1,3	3	3	2	0	0	0
U. Fernando Pessoa	1,3	1	0	1	1	3	2
E. S. de Jean Piaget de Viseu	1,2	0	1	1	1	0	4
I. P. da Lusofonia	1,2	0	0	0	0	4	3
I.S.D.Dinis	1,2	0	1	1	0	0	5
I. S. de Tec. Av. de Lisboa	1,2	0	1	1	3	2	0
E. S. Enf. S.Franc. Misericórdias	1,0	1	1	1	1	1	1
E.S. de Lisboa	1,0	2	1	0	0	2	1
I. S. Adm. E Gest.	1,0	1	0	0	1	2	2
I. S. C. da Administração	1,0	2	2	0	2	0	0
I. S. C. da Inf. E da Adm.	1,0	1	1	1	0	1	2
I. S. de Com. Emp.	1,0	4	1	1	0	0	0
I. S. C. da Adm. Educativa	0,8	1	2	1	1	0	0
I. S. de Gestão	0,8	1	1	0	1	1	1
E. S. de Ed. De Inf. Maria Ulrich	0,7	0	0	2	1	1	0
E. S. de Enf. de Lisboa	0,7	0	1	0	2	1	0
IADE	0,7	4	0	0	0	0	0
I.S.de S. Egas Moniz	0,5	0	1	1	1	0	0
I. S. de Est. Int. eTrans. De Viseu	0,5	0	0	0	1	0	2
I. S. de S. S. e do Porto	0,5	0	0	1	1	1	0
I. S.M. Torga	0,5	1	1	0	0	1	0
ISLA-Ins.Pol. De Gest. Tec. Leiria	0,5	0	0	0	1	1	1
Academia S. de Orquestra	0,3	0	0	0	2	0	0
E. S. de Ed. Almeida Garrett	0,3	1	1	0	0	0	0
E. S. de Artes e Design	0,3	0	0	0	0	1	1
E. S. de Hot. E Tur. Do Estoril	0,3	0	1	1	0	0	0
E.S. de R. Sanches	0,3	1	1	0	0	0	0
I. S. Novas Profissões	0,3	1	1	0	0	0	0
U. da Lusíada-Norte	0,3	0	0	0	0	1	1
E. S. de Ed. Jean Piaget de Almada	0,2	0	0	0	1	0	0
E. S. de Enf. do Porto	0,2	0	0	0	0	1	0

E. S. de Saúde Atlântica	0,2	0	0	0	0	0	1
E. S. de Tecnologias de Fafe	0,2	0	0	0	0	0	1
E. S. de Tec. E Artes de Lisboa	0,2	0	0	0	1	0	0
I.Port. Adm. de Mark. Do Porto	0,2	0	1	0	0	0	0
I. S. D. Afonso III	0,2	1	0	0	0	0	0
I. S. de entre Douro e Vouga	0,2	0	0	0	0	0	1
I. S. de Gest. Bancária	0,2	1	0	0	0	0	0
I.S. de Lisb. E V. do Tejo	0,2	0	0	0	0	0	1
Total		1707	1827	1961	2316	2956	3291

Dados do Inquérito

A.5 - Naturalidade dos inquiridos

Ilha	#		Ilha	#		Ilha	%
Boa Vista	2		Boa Vista	3		Boa Vista	2
Brava	1		Brava	1		Brava	1
Santiago	60		Santiago	87		Santiago	60
Santo Antão	6		Santo Antão	8		Santo Antão	6
São Nicolau	3		São Nicolau	5		São Nicolau	3
São Vicente	17		São Vicente	24		São Vicente	17
Fogo	9		Fogo	13		Fogo	9
Maio	2		Maio	3		Maio	2
Sal	1		Sal	1		Sal	1
				145			

A.5 – Totais por ano de nascimento

Data de nascimento	
1964	1
1973	1
1974	1
1976	1
1977	1
1978	2
1980	4
1981	2
1982	1
1983	4
1984	5
1987	1
1988	3
1989	2
1990	2
1991	1
1992	3
1993	5
1994	1
1995	10
1996	5
1997	8
1998	13
1999	16
2000	18
2001	13
2002	17
2003	3
2004	1
	145

Data de ingresso.	
1983	1
1992	2
1996	1
1998	3
2000	1
2001	1
2002	8
2003	2
2005	2
2006	2
2008	2
2010	2
2011	2
2012	3
2013	3
2014	4
2015	4
2016	4
2017	11
2018	19
2019	21
2020	23
2021	17
2022	7
	145

A.6 - # Respostas

Situação atual em relação ao curso?	Quanto tempo demora/demorava em média a deslocação entre a residência e a Universidade ou Instituto Politécnico (em minutos)?
Abandonou antes de concluir	60
Abandonou antes de concluir	60
Abandonou antes de concluir	30
Abandonou antes de concluir	35
Diplomado	15
Diplomado	5
Diplomado	10
Diplomado	90
Diplomado	10
Diplomado	60
Diplomado	45
Diplomado	15
Diplomado	40
Diplomado	30
Diplomado	5
Diplomado	90
Diplomado	2
Diplomado	30
Diplomado	40
Diplomado	5
Diplomado	20
Diplomado	30
Diplomado	60
Diplomado	60
Diplomado	30
Diplomado	15
Diplomado	20

Diplomado	15
Diplomado	50
Diplomado	15
Diplomado	10
Diplomado	5
Diplomado	10
Diplomado	20
Diplomado	5
Diplomado	10
Diplomado	10
Diplomado	5
Diplomado	30
Diplomado	15
Diplomado	5
Diplomado	5
Diplomado	30
Diplomado	60
Diplomado	10
Diplomado	120
Diplomado	20
Diplomado	20
Diplomado	15
Diplomado	30
Diplomado	30
Diplomado	25
Diplomado	45
Diplomado	20
Diplomado	20
Diplomado	5
Diplomado	10
Diplomado	10
Diplomado	20
Diplomado	15
Diplomado	15
Diplomado	20
Diplomado	5
Diplomado	20
Inativo mas pretende retomar	30
Inativo mas pretende retomar	15
Inativo mas pretende retomar	15
Inativo mas pretende retomar	20

Inativo mas pretende retomar	20
Inativo mas pretende retomar	180
Inativo mas pretende retomar	30
Inativo mas pretende retomar	10
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	50
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	5
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	17
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	40
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	5
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	60
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	7
Inscrito e a frequentar aulas	5
Inscrito e a frequentar aulas	5
Inscrito e a frequentar aulas	5
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	3
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	35
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	120
Inscrito e a frequentar aulas	60

Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	45
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	40
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	14
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	45
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	18
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	40
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	360
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	40
Inscrito e a frequentar aulas	60
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	35
Inscrito e a frequentar aulas	20
Inscrito e a frequentar aulas	10
Inscrito e a frequentar aulas	30
Inscrito e a frequentar aulas	40
Inscrito e a frequentar aulas	15
Inscrito e a frequentar aulas	25
Inscrito mas não frequenta as aulas	45
Inscrito mas não frequenta as aulas	20
Inscrito mas não frequenta as aulas	30

Áreas de Educação	#	%
Agric., Sil., Pesca e C. veterinárias	5	3,4
Tec. da informação e Comunicação	7	4,8
Serviços	8	5,5
Educação	9	6,2
Artes e Humanidade	9	6,2
C. Sociais, Jornalismo e Informação	16	11,0
C. Empresariais , Administração e Direito	18	12,4
C. naturais , matemática e estatística	18	12,4
Eng., Ind. Transformadoras e Construção	25	17,2
Saúde e Proteção Social	30	20,7
	145	100

Percurso no ensino superior dos alunos de Cabo Verde em Portugal

Este questionário tem como finalidade a recolha de dados em relação aos alunos oriundos de Cabo Verde, do primeiros ciclo(licenciatura), nas Universidades Portuguesas. Este está inserido num projeto de investigação em curso que tem como objectivo o estudo do percurso dos alunos Cabo-verdianos no ensino superior (sucesso e insucesso escolar). O questionário é anónimo e confidencial, os dados recolhidos serão utilizados apenas para fins de investigação científica.

A sua ajuda é muito importante para o sucesso desse trabalho!

Agradecemos, antecipadamente, pelas suas respostas!

*Obrigatório

Dados pessoais

1.

Ano de nascimento(4 dígito)?

*

2.

Sexo *

Marcar apenas uma oval.

Feminino

Masculino

3.

Naturalidade *

Marcar apenas uma oval.

Ilha de Santo Antão

Ilha de São Vicente

Ilha de São Nicolau

Ilha do Sal

Ilha de Boa Vista

Ilha do Maio

Ilha de Santiago

Ilha do Fogo

Ilha da Brava

Situação no ensino Superior

4.

Instituição de Ensino Superior em que está/esteve inscrito? *

5.

Curso em que ingressou? *

6.

Ano de ingresso(4 dígitos)? *

7.

Situação atual em relação ao curso? *

Marcar apenas uma oval.

a frequentar aulas

inativo mas pretende retomar

abandonou antes de concluir

diplomado

8.

Se está ativo, que percentagem de disciplinas falta para concluir o curso? *

9.

Se está inativo, que percentagem de disciplinas concluiu com sucesso? *

10.

Se está diplomado, qual ano que se diplomou?**Por favor, coloque****quatro dígitos.**

*

Situação socioeconómica familiar

11.

Qual é o número de pessoas no agregado familiar em Cabo Verde (incluindo a própria pessoa)? *

12.

Qual é a habilitações literárias da mãe? *

13.

Qual é a habilitações literárias do pai? *

14.

Qual é o rendimento(em euros) mensal do agregado familiar ? *

Marcar apenas uma oval por linha.

Coluna 1

Menor que 150;

entre 150 e 250;

entre 250 e 400;

entre 400 e 700;

entre 700 e 1500;

superior a 1500

Coluna 1

Menor que 150;

entre 150 e 250;

entre 250 e 400;

entre 400 e 700;

entre 700 e 1500;

superior a 1500

Levando em consideração a sua situação durante o período em que esteve/está a estudar.

15.

Quais as fontes de rendimento? *

Marcar apenas uma oval.

Bolsa, se sim, indique a entidade/país que concede ou concedeu. _____

Dinheiro de familiares

Trabalho

16.

Indique a opção abaixo que corresponde ao local da tua residência. *

Marcar apenas uma oval.

Residência universitária,

quarto arrendado,

casa arrendada,

com familiares,

outra, qual? _____

17.

Quanto tempo demora a deslocação entre a tua residência e a universidade? ***Classifique os seguintes fatores de acordo com a sua importância para reduzir o seu sucesso escolar .**

18.

Relacionamento com professores *

Marcar apenas uma oval.
nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;
19.

Relacionamento com os colegas *

Marcar apenas uma oval.
nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;
20.

Saudades da família e amigos *

Marcar apenas uma oval.
nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;
21.

Diferente do clima em Portugal *

Marcar apenas uma oval.
nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;
22.

Problemas de saúde *

Marcar apenas uma oval.
nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;
23.

Rendimento insuficiente para as despesas essenciais *

Marcar apenas uma oval.
nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;
24.

Atraso no pagamento de bolsas *

Marcar apenas uma oval.
nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;
25.

Condições de alojamento *

Marcar apenas uma oval.
nada importante

pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;

26.

Dificuldade das matérias do curso *

Marcar apenas uma oval.

nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;

27.

Má preparação do ensino secundário *

Marcar apenas uma oval.

nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;

28.

Insatisfação com o curso ou com a Universidade *

Marcar apenas uma oval.

nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;

29.

Dificuldades em organizar-se longe da família *

Marcar apenas uma oval.

nada importante
pouco importante;
muito importante;
extremamente importante;

30.

Outra? Qual *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google [Formulários](#)